

Port
6266
2.35



Port 6266.2.35-



HARVARD
COLLEGE
LIBRARY

este estimado poeta, traductor
das poetas portugueses e brasilienses, o Dr. Wilhelm Storck,
como prova de minha estima
e admiração off.

Lisboa 11-6-93 Trip via Portugal
RUMORES VULCANICOS

TEIXEIRA BASTOS

RUMORES
VULCANICOS



LISBOA

—
TYP. DA BIBLIOTHECA UNIVERSAL DE LUCAS & FILHO
Rua dos Calafates, 93

—
1878

Port 6266, 2.35



Printed in Spain

A

THEOPHILo BRAGA

Este livro, producto d'uma epocha de transição, resente-se das muitas e varias idéas do nosso tempo.

N'elle tentamos principalmente duas causas: — dar mais uma machadada no tronco secular e carcomido das velhas instituições e lendas; e trazer mais uma pedra para o edificio gigantesco do futuro, para o templo da Humanidade.

Mostra a passagem d'un espirito do estado metaphysico para o estado positivo; ou, na poesia, a passagem da eschola revolucionaria para a eschola philosophica.

Como esta transformação seja devida em grande parte ás palavras e aos escriptos d'un dos mais profundos e eruditos obreiros da

GERAÇÃO NOVA, compete-nos offerecer-lhe o
nosso primeiro trabalho litterario; é por isso
que tomamos a liberdade de inscrever á frente
d'este livro o nome do nosso professor e
amigo, o auctor da VISÃO DOS TEMPOS e da
HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

TEIXEIRA BASTOS.

ESTES VERSOS

Levados pelas auras da ventura
Vão meus versos por campos e palmares,
Como folhas caidas sem verdura,
Que o vento leva e lança na planura,
Nos arroios, nos mares !

São as visões d'um ignorado vate,
São singelo cantar da juventude,
São hymnos de revolta e de combate,
São arpejos febris — voz de rebate —
De fremente alaúde !

São tristes como o céo negro e profundo,
Singelos como a flôr branca do prado,
Acerbos como o mar revolto e fundo ;
Mas encerram minh'alma, a vida, um mundo,
Cantam um Deus sagrado,

Um Deus grande e potente — a Humanidade,
E o coruscante vulto da Justiça !
Cantam a Lei eterna, a Liberdade,
Razão, Amor, Idéa, Luz, Verdade,
Cantam a nova missa !

LIVRO PRIMEIRO

ECCOS PHILOSOPHICOS

I

HYMNO AO SOL

Todas as formas do movimento mecanico
são simplesmente a dispersão do movimento
calorifico derivado primitivamente do Sol.

JOHN TYNDALL.

Ei! o! o marco luzente dos espaços,
O Sol! sagrado heroe dos velhos ritos!
Diluvios de fulgor em estilhaços
Nos envia de seus dourados paços
Ha tempos infinitos!

És para nós o genitor, a fonte
Das forças e das formas da materia!
Filho e irmão d'outros sóes que do alto monte
Vemos brilhar de noute no horisonte,
Na vastidão etherea!

Tu atravez do céo illimitado
Com rapidez vertiginosa arrastas
Os planetas em curso agigantado,
Voltando para ti o frio lado
O incandescente afastas.

A terra que habitamos condensaste,
— Este nucleo de vida outr'ora fluido, —
E na face os crystaes depositaste
E os germens do animal, da folha e da haste
Segundo penso e cuido !

A crusta pouco a pouco transformando,
A terra percorrer longas idades
Fizeste, com teus raios incubando
As cousas do futuro, e incorporando
Fecundas claridades !

Geraste então as plantas e os viventes
De grão em grão subindo aos entes feros,
Do musgo humilde ás arvores frondentes,
E dos frios reptis e das serpentes
Aos grandes rhinocéros.

Ao teu calor se ergueu a raça humana
 Ao pincaro supremo das creaturas,
 E força muscular lhe déste e ufana
 Razão, que o leva em forte caravana
 Às lucidas alturas !

Tu foste o immenso Deus, — *Dêvas* brilhante, —
 O sublime fetiche dos gentios
 Em seculos longinquos, Sol gigante,
 Quando ainda bebia o elephante
 A agua de nossos rios.

E foste o Deus primeiro, porque a vida
 Em teus purpureos raios espargias
 — Ondulações de luz viva, sentida,
 Que lhes davam os fructos — ; e a guarida
 Dos tristes aquecias.

Lá nos confins distantes do Oriente
 Às margens divinaes dos rios santos,
 Nos estereis sertões da Lybia ardente
 Em tuas aras, Sol omnipotente,
 Elevaram-te cantos !

Tu foste *Baal-Samim*, o Deus celeste,
 Na sumptuosa Tyro; e no alto Egypto
 Foi *Horus* o teu nome e combateste
Sutekh, o deus das trévas, e venceste
 Nos diz o velho mytho !

Tambem tu eras *Râ*, quando brilhavas,
 Ó magestoso Sol, no firmamento ;
 E *Khepher*, quando a terra fecundavas
 E nos humanos seios derramavas
 Força, vigor e alento !

Foste *Samas* e *Bel*, a divindade
 Nos assyricos templos de Ninive !
 E ao lançares do carro da Verdade
 Tua luz, nas ruinas da cidade
 Teu nome 'inda revive !

Foste *Ormuzd*, santo espirito dos Medas
 E *Suryâ* divino, alma do Ganges,
 Nos rumorosos canticos dos Vedas ;
 Tuas *Gandharvas* foram rubras, ledas
 De teus raios phalanges !

Agni, tu foste encarnação visivel
 De *Pradjapáti* — Deus eterno e forte !
 E *Varuna* tambem, quando invisivel ;
Puschan, o vencedor ; *Bhaga* temivel,
 E o *Aditya* da morte !

Na Grecia e Roma *Baccho*, *Phebo* e *Apollo*
 Em Delphos adorado ; no Parnaso
 De *Thalia* tu beijaste o niveo collo ;
 E *Python*, o fatal filho do solo
 De ti soffreu o occaso !

Mithra, *Adonis*, *Osiris* e até *Christo*,
 — Os deuses que sofreram crua morte ! —
 E dizem as legendas, Sol bemquisto,
 Que surgires dos tumulos ha visto
 O mundo com transporte !

Tu foste o grande heroe das epopeias,
 Morto no auge das accções gigantes !
 Os circulos eternos que volteias
 Foram da inspiração sagradas veias
 Para os antigos Dantes !

Isdubar! vencedor de mil combates !
 Sol ! resplendente fóco das espheras !
 Nas reconditas plagas do Euphrates
 Ouviste celebrar seu nome aos vates
 Do Oriente ha longas éras !

Nas ricas margens do Indo sublimado
 Foste o energico *Rama*, o forte ermita
 Nos palmiferos bosques desterrado,
 Que perseguiste *Rávana*, o ousado
 Raptor da bella *Sita* !

E nos cantos de Homero legendario
 O fero Menelão que apôs de Helena
 Correu, como tu corres seu fadario
 Apôs da meiga Aurora — alvor diario
 Que segue a noute amena !

Foste Hercules forte e mais que humano !
 Em melodiosos carmes, aureos, dignos,
 Cantado foi o seu valor insano
 Ao percorrer no espaço d'um só anno
 Os doze eternos signos.

Illuminaste, ó Sol, as grandes luctas
 Dos sanguinarios reis do velho mundo,
 Os banquetes e as festas dissolutas,
 Os crimes sensuaes, as vãs disputas,
 E o povo gemebundo.

O teu calor assim a Humanidade
 Pouco a pouco tirou do berço escuro,
 — Que nas sombras, no véo da antiguidade
 Se perdeu, — e lhe dá a liberdade
 E as visões do futuro !

Hoje és o Verbo santo dos trabalhos,
 A Musa predilecta dos cantares ;
 Presides ao bater dos fortes malhos
 E ao saltitar dos passaros nos galhos
 Dos floridos pomares.

Os cerebros dos sabios tu exaltas
 E os levas a buscar as leis eternas,
 As leis que o mundo regem, as leis altas
 Que a materia dirigem ! Tu esmaltas
 As glaciaes cavernas.

E arrebatas do mar a neve, os gelos,
Que nos cumes dos montes depositas,
Os vapores que em nuvens — densos véllos —
Accumulas primeiro, e em fios bellos,
Em chuva precipitas.

Tu os ventos produzes circulantes
Em volta do planeta, as fortes vascas
Dos vendaváes medonhos e ululantes,
As correntes do mar estrepitantes,
As auras e as borrascas !

Os mineraes carbonicos da terra,
Jazigo de teus raios seculares,
Fazem cortar com força ingente e fera
Aos leviathans de ferro a longa serra,
As campinas e os mares !

E libertam os corpos dos humanos,
— Esses corpos curvados e doridos ! —
As machinas movendo e em poucos annos
Mais productos nos dão e mais ufanos,
Que os tempos decorridos !

Assim tu és, ó Sol, o que transforma
Todas as cousas vivas da materia ;
Ás plantas e animaes tu dás a forma,
Os movimentos reges e és a norma
De tua periphéria.

Ave ! libertador ! Sol refulgente !
Astro vivo dos céos, que a terra innundas
Com a luz de teus raios bella, quente,
Que produz o diamante transparente
E as idéas profundas.

Ave ! centro gigante dos planetas,
Que a actividade excitas cada dia,
E nos mandas do céo brilhantes settas
De teu divino fogo, argenteas bétas
De perenne harmonia.

Ave ! fonte intangivel da Verdade,
Da inspiração, da côr, do bello e puro,
Da vida, do prazer, da liberdade,
Da força, do Progresso, da igualdade,
Dos sonhos do futuro !

E, pois que n'este solo nos creaste
A nós, rudes mortaes, n'um grão d'areia
Do illimitado céo, e levantaste
Nossas frontes e n'ellas derramaste
A abrasadora Idéa !

Bem fizeram, ó Sól, em adorar-te
E em cantarem-te, heroe dos velhos hymnos,
Nossos avós, a ti, por toda a parte
Inspirador ardente do bem, da arte
E dos feitos divinos !

Porém hoje és maior do que então eras,
Ó immortal revelador da sciencia !
Pois, — mostrando-te filho das espheras,
E a nós, a nós, irmãos das bestas feras, —
Nos déste a Consciencia !

II

MATERIA E FORÇA VIVA

A J. AUGUSTO DE QUEIROZ

Force et mouvement, voilà le dernier mot
de l'analyse, l'alphabet de la langue de la
science et de la philosophie.

VACHEROT.

I

Transformação constante e sempiterna vida !
Eis só o que se vê na lucida jazida
Dos ardentes mortaes ! — mortaes ? — oh ! irrigião !
A materia não morre, é indelevel, pura ;
Se morre o fraco sér, se morre a creatura,
Conquista força nova, — ha só transformação.

II

É noute, é noute escura ; o céo ostenta o manto
 De lagrimas de luz — resplandecente pranto,
 E essas lagrimas fito — os rutilantes sóes,
 Que dão vida talvez a legiões de mundos,
 Que vagueiam nos céos esplendidos, profundos.
 São materia, materia, os fulgidos faroes !

III

É dia ; o grande sol, o centro dos planetas
 Envia-nos do céo suas fulmineas settas,
 Suas ondas de luz ; — mas o fulgor caudal
 Que dá á terra vida e n'um ethereo Oceano
 A faz girar veloz e com furor insano
 É apenas materia e força divinal !

IV

Eis diaphana surge a lua no horisonte
 E os espaços transpondo altiva, sua fronte
 Nos mostra, acompanhando a terra, sem parar
 Na transparente via, e segue o mesmo giro
 Ha seculos sem fim. — A lua que assim miro
 É materia tambem no céo a fluctuar !

V

Além, além, o mar, o negro dorso erguendo
 Ameaçador, feroz, soltando um grito horrendo,
 Um fogoso rugir de fulvido leão.

— É materia igualmente o reino da tormenta,
 É materia, materia, a côma pardacenta
 Em constante, fugaz e eterna agitação !

VI

Sente-se do trovão a voz, a magestade,
 Fuzila o fero raio, escura tempestade
 Ameaça tragar os pávidos bateis ;
 Das nuvens genitaes a chuva cae, intensa,
 Monotona, sombria. — Alguem acaso pensa
 Tudo materia ser sujeita a fixas leis ?!

VII

Eis-me agora n'um cume agreste de collina !
 Ólho em frente, a meus pés estende-se a campina
 Immensa, dilatada, ao longe morrer vae
 N'um horizonte ignoto ; atraz acastellados
 Montes descommunaes, informes, escalvados.
 — Vejo materia só d'este ingreme Sinai !

VIII

Profundemos o vall', cavemos as montanhas,
 Vamos examinar as intimas entranhas
 Do pedragoso solo, os concavos umbraes
 Transponhamos da mina e vamos pela arteria
 A vêr o mineral. — Os intimos materia,
 E materia tambem os veios dos metaes !

IX

Alli, um denso bosque ostenta grata sombra
 E um prado mais além a verdejante alfombra
 Ao viandante appresenta e o flaccido frescor.
 — Do magestoso cedro ao pallido salgueiro,
 Do tronco mais soberbo ao musgo mais rasteiro
 Tudo é materia, tudo, -- a folha, o fructo e a flôr!

X

O mundo é habitado ; os largos continentes
 E o gigantesco mar cobertos de viventes.
 — Dos rosados coraes aos tigres e aos leões,
 Da aguia e do elephante aos vérmes e aos insectos
 Do extinto masthodont e aos pequeninos fetos,
 Materia apenas vê-se em mil evoluções !

XI

Dos entes sobresáe a geração sublime,
 Que o pensamento rege e mais e mais redime
 Da tetrica oppressão d'um mundo que ruiu !
 Os homens são heroes, heroes — dominadores
 Das forças da materia e deuses vencedores !
 — Porém materia são, materia que floriu !

XII

Do mundo em construcção, da branca Nebulosa
 Ao minimo animal, à perfumada rosa,
 Tudo é materia, tudo, — homem, metal e sol !
 E ao vêr sempre mudar de formas a materia
 Da mais pura e mais densa, à mais fugaz e etherea
 Parece-me o universo um giganteo crisol !

XIII

Transformação constante envolve a natureza !...
 O astro de mais fulgor, o sol com mais grandeza,
 Como a pequena cousa — a cousa mais subtil ! —
 É d'átomos formado, átomos incoerciveis ;
 Juntos, em compressão, torfando-se visiveis,
 Formam os grandes sóes — lumes no céo d'anil !

XIV

Transformação constante, eterno movimento !
 Em toda a parte lê o nosso pensamento
 Esta divina lei — a vida universal !
 Toda a materia é uma, indestructivel, pura ;
 Os entes são mortaes, porém da creatura
 Só o espirito morre, o mais é immortal !

XV

A materia é eterna !... O individuo morre,
 O corpo se desfaz e da materia corre
 Cada parcella tenua em busca d'um logar,
 Quer no fecundo chão, na terra geradora,
 Quer na viçosa planta, ou bella flôr vindoura,
 Quer no rugoso tronco, ou no ceruleo ár !

XVI

Tudo materia e vida !... Um cosmico systema
 Nos luminosos céos acaso um dia trema
 E disperse-se todo ! — Elle morreu então ?...
 Continuando a girar na região siderea
 Só toma nova forma a divinal materia.
 Está tudo sujeito á lei da evolução !

XVII

Materia e força viva ! além d'isto que existe ?
Ó miseros mortaes, ó ignorancia triste,
O corpo examinae e profundae os céos !
Homem, vê, examina e tua crença acalma !
No cerebro febril em vão procuras a alma,
No céo illimitado em vão procuras Deus !

III

CREAÇÃO DO MUNDO

Tum durare solum, et discludere Nerea ponto
Cooperit, et rerum paulatim sumere formas.

VIRGILIO.

I

Nos lucidos espaços insondaveis
As densas multidões
De resplendentes sóes ha longas eras
Brilhavam, quaes brandões

Accesos n'um altar de egreja immensa !
Entre elles era o Sol,
O planeta que dá ao mundo vida,
O giganteo farol !

Já mil astros giravam circumdando
 As candidas espheras,
 E em orbitas infindas descreviam
 As leis d'infindas éras ;

Quando surgiu a Terra, e a vez primeira,
 Sentindo movimento
 Em volta d'uma estrella rutilante
 Rodou no firmamento ;

Parcella talvez solta d'algum astro
 Ou d'alva Nebulosa,
 Que por ignotas causas foi lançada
 Na via luminosa

Ainda então era gaz, e gaz apenas,
 Fluido volatisado
 No crystallino espaço circulando,
 Nos eixos inflammado !

Era maleavel, branda, como a cêra
 Que entre os dedos prepassa,
 E do ether ao contacto se accenderam
 Os intimos da massa.

O fogo lentamente do granito
 Os germens removeu,
 E no leito do mundo que surgia
 Á face os estendeu.

E do planeta a crusta avermelhada
 A pouco e pouco assim
 Nas chammas se creou e construida
 A Terra foi emfim !

Sobre as camadas terreaes já frias
 Um gaz era suspenso
 E condensado em humido vapor,
 — O negro mar immenso !

Em nuvens geniaes agglomerado
 Do horisonte desceu
 E insano com furor de pólo a pólo
 A Terra acommetteu !

Terrivel foi o choque, a terrea crusta
 Amolgada se fende ;
 Sulca-se largo vall' na terra dura !
 O mar ~~n'elle~~ se estende.

As crateras vomitam cinzas, lavas,
 E chammas e estilhaços ;
 Columnas de carbone em fumo espesso
 Se espraiam nos espaços !

Eis pois a Terra, as aguas, a atmosphera,
 Eis pois um novo mundo,
 Um grão d'areia mais rodando em volta
 D'um Sol no céo profundo.

II

Era núa 'inda a Terra, a grande madre,
 Mas fôra fecundada
 Pelas correntes vivas do mar largo
 Do mundo na alvorada !

E no seio continha já os germens
 Das cousas do provir !
 Era lento, porém o incubamento,
 Mui lento o produzir !

As espumas das aguas fermentantes
 A crusta fecundaram,
 E girando nas intimas entranhas
 Os ovulos crearam.

Nasceu emfim o musgo, incerto esboço
 Da vida vegetal ;
 As algas, as virgineas açucenas,
 O lirio, o cereal !

E foi a pouco e pouco a madre ubérrima
 Os fructos augmentando ;
 Mais perfeitos os deu e mais formosos
 Os seios dilatando ;

A baunilha gerou, a verde oliva,
 O junquilho, o lilaz,
 Os salgueiros, o freixo, os malmequères,
 As dhalias, o stylax !

Depois seguiu ávante ! a madresilva
 E a roseira creou.
 Ávante, ávante foi até que o cedro
 O horizonte cortou.

Eis, pois, vestida a Terra de arvoredos,
 De mattas, de verdura !
 Mas novas maravilhas se preparam
 No seio da natura.

Não bastam os aromas e aureos pômos,
 Não basta o vegetal,
 Eis nascem esponjeiras e medusas,
 Madréporas, coral !

A diligente abelha já volita,
 E a linda mariposa ;
 A vida e o movimento se derramam
 Na Terra montanhosa.

Os vermes apparecem, as sereias,
 Os peixes, as serpentes ;
 E os cysnes alvejantes já procuram
 As limpidas correntes.

A meiga pomba vem e a cotovia ;
 E nadam os golphinhos ;
 Após os gamos surgem nas campinas,
 O castor e os arminhos ;

Ávante, ávante vae a grande madre
Buscando a perfeição !
De grão em grão subindo desenvolve
E eleva a creação !

Alfim ao homem chega, que transpondo
Os fulmineos umbraes
Do templo da Rasão, ergue-se forte,
E sóbe, e sóbe mais !

Elle porém não sabe quem o leva
Atravez do matiz,
Que veste a negra Terra, e andando fita
O celeste cariz.

Espera! espera sempre ! e vae em frente
Seguindo a rude estrada !
Espera lá ao longe encontrar vivo
O Sol d'esta alvorada !

IV

A TERRA

Os raios do Sol são a origem derradeira de
quasi todos os movimentos que se dão na super-
ficie da terra.

JOHN HERSCHEL.

E o mundo revolve-se nos eixos
Conforme a lei eterna da materia

TH. BRAGA.

Ó Terra, Terra, ó pallido planeta
Que ao redor d'esse Sol que te fecunda
Cortando vaes a vastidão profunda
Mais rapida mil vezes que uma setta;

Tu a potente mãe das grandes cousas
Que teus occultos intimos povoam,
Que sobre a crusta passam e que voam,
E das que dormem já nas frias lousas;

E tu, laboratorio enorme, antigo,
Onde a materia densa se transforma
E em mil evoluções de nova forma
Revête a que era ha pouco no jazigo;

Tu, a que, recebendo nas entranhas
O fogo gerador do Sol immenso,
O diamante produz de brilho intenso
E cria nos mortaes forças estranhas;

Tu, a que, com os raios do grande astro
Em ti accumulados, nos livraste
Das lidas sem descanso; e a que geraste
As viboras, os lirios e o alabastro;

Tu que arrastas comtigo a Humanidade,
A filha amada que do sólo duro
Ergueu-se pouco a pouco, no futuro
Os páramos buscando da Verdade;

Tu, pois, ó Terra madre, o que és no espaço
Senão pequeno átomo perdido
Na amplidão insondavel e esquecido
Entre milhões d'irmãos que une um só laço?

Une-os a todos, sim ! um laço enorme
Immutavel e certo — a Lei eterna !
Em ti só vê a geração moderna
Um grão d'areia apenas, tosco, informe !...

.....

E sendo, pois, a Terra *um quasi nada*
Nas regiões aérias circulando
Em volta d'esse Sol que vae cortando
Tambem a vastidão illimitada ;

E sendo nós mortaes um ponto apenas,
Um ponto, um *nada* — eu sei ? — n'um grão d'areia,
Um ponto, um *nada* — grande pela Idéa,
Que nos levanta ás concepções serenas ;

Porque, nos velhos berços emballados,
Ainda agora, crentes, vós pensaes,
Que esses lumes dos astros perennaes
Para adorno do céo foram creados ?

Porque ainda pensaes que a curva immensa
Que sobre nós se estende — escuro manto, —
Das fulgentes estrellas o aureo pranto
Tem por centro e por fim a Terra densa?...

Abri os olhos, cegos!.... É o mundo
Imperceptivel átomo nos céos!
Dos espaços olhae os negros véos,
Debalde buscareis n'elles um fundo!

V

O M A R

O mar! o mar, as reluctantes vagas
Que correm uma a uma do horizonte,
 De ignotas plagas,
Em longa multidão enfurecidas,
 Qual monte sobre monte,
Se lançam sobre as rochas carcomidas.

Com fragor as abraçam espumando,
E, como o esposo abraça a terna esposa
 No leito brando,
E a rodeia de affagos e delicias,
 A margem arenosa
As vagas assim enchem de caricias.

Dos penedos ao pélago cavadas
 Recuam, mas em niveas rendilhagens
 Para as quebradas
 Das penhas se dirigem novamente,
 Niveas, como as plumagens
 Dos cysnes que se banham na corrente!

Outras ondas deslisam com brandura
 Sobre as areias de ouro pela praia ;
 Ou a verdura
 Das ribas vão beijar em doce enlevo ;
 Ou balouçando a faia
 O valor dos mortaes põem em relevo.

O mar ! o mar ! o pallido gigante,
 — Nos seios d'elle os raios penetrando
 Do fecundante
 Astro, que nossos dias illumina, —
 Os ovulos gerando
 A pouco e pouco foi pela campina.

Nos intimos da aquática planicie
 Derrama a luz do Sol perpetua vida ;
 À superficie

Do primitivo plasma a creatura
 Surge ! e continua lida
 Começa desde então contra a natura.

De grão em grão elevam-se os viventes
 E o vagalhão do mar á terra os leva,
 Onde candentes
 Do Sol as fléchas mais e mais lhes sómem
 Essa forma primeva
 Chegando alfin á perfeição do homem.

É este quem mais tarde se transforma
 Pelo correr dos tempos no sublime
 Heroe, que a norma
 Ás náos veleiras dá, e as grandes vagas
 Com ellas corta e opprime
 Do mundo demandando novas plagas.

Assim o heroe que outr'ora foi gerado
 Nos seios d'esse mar hoje o domina
 Ufano e ousado !
 E tem nome immortal — Colombo ! Gama !
 A centelha divina
 Que as ondas arrostando alcança fama !

O gigantesco mar jámais se esquece
Que de suas mais íntimas entranhas,
 Onde estremece
Sob outra forma ainda agora a vida,
 As fragas das montanhas
A geração dos sêres foi erguida.

Por isso grande affecto por nós sente
E solta hymnos d'amor pelos fraguedos
 Quando a corrente
As vagas impellindo as espedaça
 Nas quinas dos rochedos
E com bramir altisono os enlaça !

Como a brava leôa os filhos beija
E com a lingua affaga as jovens feras,
 O mar deseja
Com as ondas beijar a Humanidade,
 A filha que outras éras
Viram brotar de sua immensidade !

VI

A MONTANHA

As montanhas graníticas não nos dão
apenas martelos e tenazes para as nossas
forjas, marmore e ouro para as oficinas de
nossos artistas ; os seus elementos inorgânicos
também são os instrumentos que combinam
as matérias orgânicas sob a forma
das plantas e animais que povoam o globo.

MOLESCHOTT.

Salve, colosso altivo, agreste monte,
Que do valle ou do prado verdejante
Ao vasto céo elevas tua fronte
Com magestade egregia, alta, arrogante.

Coroado dos gelos de janeiro
Te apresentas garrido e reluzente
Quando o beijo da aurora prazenteiro
Em tua face pousa alegamente.

O Sol, o bom heroe dos velhos dias,
Derrete os niveos gelos que perpassam
Nas correntes cortando as penedias,
E nas rochas do valle se espedeçam;

E ao passarem nos concavos fraguedos
Em cascatas caindo das collinas,
Arrastam apôs si largos penedos
Que partir-se com furia vão nas quinas;

E terras tambem trazem fecundantes,
Que ao longo de seus leitos se despargem
Nos campos marginaes, campos distantes,
Onde o Sol faz brotar frondente vargem.

Ahi nascem então verdes folhagens,
Formosos cereaes e fructos bellos,
Que nos vêm renovar as cartilagens,
As membranas, os ossos, os cabellos.

Em teu centro, montanha pedregosa,
Jazem todos os germens da natura;
Do pária ou proletario a mão callosa
De teus seios extrae alma ventura.

Os palacios, as sés de varios ritos,
 As estatuas que adornam os passeios,
 Os tumulos brilhantes, os granitos,
 Tudo saiu de teus marmoreos veios.

Os ouros resplendentes que seduzem,
 Os bronzes que se elevam pelas praças,
 Os limpidos crystaes que tanto luzem,
 Tudo, tudo saiu de tuas massas.

O carvão, que no mar e na officina
 Move os membros das machinas ruidosas,
 E a chamma, que as cidades illumina,
 Tambem saiu das minas cavernosas.

De teu ferro, nas forjas trabalhado,
 Os leviathans modernos, os gigantes,
 Que assombram os espectros do passado,
 Nascem com forças novas e possantes;

E ao cortarem as intimas entranhas
 Com rapidez febril, fugaz, insana,
 Estremecem as ingremes montanhas
 E o sólo nos seus ámagos abana;

E tu, activa mãe, empallideces
Ao sentires o brado de teu filho,
Do fogoso titan que desconheces
Ao perpassar veloz no ferreo trilho.

Dos immortaes habitação dourada
As gerações passadas te julgaram ;
Sendo aos Deuses por ellas consagrada,
Ricos templos em ti edificaram.

E viram com razão a divindade
Animando os teus pincaros agrestes ;
Pois aos campos tu dás fertilidade
Com tuas aguas, as encostas vestes ;

E dos ventos regendo o rumo vario
Forneces os mortaes de força e vida !
Salve, montanha, antigo sanctuario,
Dos germens da Sciencia hoje guarida !

•

VII

PROMETHEU NO CAUCASO

Ce qui donne à la Science sa force et
sa puissance, sachous le bien, c'est d'avoir
pour sujet d'études des éléments bien dé-
terminés et non plus des abstractions et
des fantômes

C. FLAMMARION.

Agrilhoado, preso, o grande Prometheu
Assim dizia triste, ameaçando o céo :

«Que dôr atroz eu sinto !... Ó Jupiter tyranno,
Goza com meu soffrer o teu furor insano !
Porém que mal te fiz ? O ter dos homens dó
Acaso é crime horrendo ? O dar a um triste pó
Um raio de luz viva — a luz da intelligencia —
Pôde acaso ferir a tua omnipotencia ?...
Prendes-me aqui ?... Então ataca o teu poder !

Ah ! bem sei, sim !... bem sei ! O mundo ha de saber
 Um dia quem tu és, ó illusão mesquinha !
 O fogo que lhe dei sempre lhe diz :

— «Caminha !

«Caminha sem cessar ! ao longe, ao longe, vae
 «Vagaroso, mas segue e sobe ao teu Sinai !
 «Tu n'elle encontrarás as taboas da Verdade
 ' «Escriptas pelo Deus potente — a Humanidade !»
 E o homem seguirá guiado pela luz
 Pelo facho eternal, que em sua fronte puz ;
 Caminhará em frente em busca das estradas
 Que podem conduzir ás doces alvoradas ;
 Caminhará altivo, esplendido, febril,
 Para as louras manhãs, manhãs de eterno abril ;
 E caminhando já desde a mais tenra infancia
 Nos espinhos do mal, nos cardos da ignorancia
 Na turtuosa via, os pés ha de ferir,
 Com a pezada cruz ao Golgotha subir,
 A cabeça pousar no pó pelos caminhos,
 Desejando morrer, ou invejando os ninhos,
 Comendo o negro pão com lagrimas de dôr ;
 Porém um bello dia, — oh ! dia de fulgor ! —
 'Inda que roto e nú os deuses da Sciencia
 Ao empyreo immortal da livre Consciencia
 O levarão enfim ! O homem ha de vencer,

Ha de subir ao throno immenso do saber !
Com a brilhante luz profundará o espaço,
Debalde procurando o teu marmoreo paço,
Das *cousas* buscará as sempiternas leis,
E com valor audaz dos deuses e dos reis
Fará um negro pó que ha de lançar aos ventos,
Vendo-se livre assim dos pávidos tormentos !

E tu, infame deus, verdugo dos mortaes,
Prevês o grande dia — o dia em que os umbraes
Cada qual transporá do templo memorando
Onde a deusa Verdade ergue-se desfraldando
O lábaro de luz, e préga á multidão
A palavra immortal : — Progresso ! — Evolução !

Tu prevês esse dia e julgas que prendendo
Meu braço audacioso escapas ao tremendo
Seculo de Justiça occulto no porvir !
Mas enganas-te, ó deus, teu solio ha de ruir !

Em busca o homem vae de um luminoso ninho !

Em vão procurarás oppôr-lhe no caminho
 Estorvos, distracções,— os dogmas celestiaes,
 Os ritos, crenças, fé, e as lendas sideraes!
 Em vão encarnarás o espirito n'um astro !
 Em vão has de inventar as leis de Zoroastro,
 De Brahma, de Manú ; as taboas de Moysés,
 O Evangelho, o Korão ; altares, templos, sés !
 Em vão intentarás perverter os sentidos,
 E legiões crear de padres aguerridos
 Para espalhar a tréva e obscurecer o Sol !

O homem ha de seguir o lucido farol,
 Abandonando a fé, as lendas, crenças, ritos ;
 Ha de esquecer alfim os enganosos mythos,
 Deixar Siva, Vichnu, Osiris, Zeus, Ormuzd,
 O terrivel Jehovah e o pallido Jesus !
 De tua egregia fronte ha de arrancar um dia
 A corôa flammante, a tétrica magia
 Com que tentas roubar aos cerebros febris
 A deslumbrante Idéa !...

Em vão ó deus, sorris !

O dia chegará, o dia sanguinario

Em que um humano heroe no cume de um Calvario
Te mostrará ao mundo exposto á irrisão
Se acaso dos mortaes a forte geração
Teus raios de furor n'um dia a não consomem!...

Terei um vingador enquanto exista um homem!»

VIII

O HOMEM

A. J. CARRILHO VIDEIRA

Avec le monde a commencé une guerre
qui doit finir avec le monde, et pas avant;
celle de l'homme contre la nature, de
l'esprit contre la matière, de la liberté
contre la fatalité.

MICHELET.

O homem é obra de si mesmo.

VICO.

I

Hoinem ! tu és heroe ! eleva tua fronte,
E põe o teu olhar altivo no horizonte,
 No resplendente azul
Dos dilatados céos, que o Sol ha muito córta,
Lá onde passa triste a lua semi-morta
 E as virações do sul !

Eleva o teu olhar e diz'-me porque fitas
 O verdenegro chão? que manto de desditas,
 Que legendario véo
 É esse que te cobre ha tantos centos de annos?
 Envolvem tua fronte espectros maos, insanos!...
 És porventura réo?

Que tenebroso feito ou crime commetteste,
 Pois que temes fitar na vastidão celeste
 Os rutilantes sóes?
 Que peso desmedido é esse que te opprime,
 Pois te não deixa vêr a candidez sublime
 Dos meigos arrebóes.

Que temes tu? heroe! Ha muito que curvado
 Te vejo andar no mundo e como atormentado
 Pelo reinorso alvar!
 O que fizeste, diz'-me, heroe dos velhos dias,
 Para te ver assim viuvo de alegrias,
 Orfão do bem estar?...

Ah! bem sei! ao passado um riso de amargura
 Envias ao lembrar te a placida ventura
 De um tempo que fugiu!...

Repara, pobre cego, é lucida miragem
Do mundo primitivo a enganadora imagem !
O Éden não existiu !...

Ah ! bem sei ! um ministro, um histrião do templo
Das penas infernaes um salutar exemplo
Contou certa manhã !
E tu, singelo, crêste o caso nunca visto !...
Oh ! ri-te, ri-te, heroe, dos que explicam o Christo !
Não existe Satán !...

Ah ! bem sei ! negro sonho, um vulto legendario,
Um pesadelo atroz, horrivel, sanguinario
Julgas haver nos céos!...
Oh ! rompe a densa tréva, a tréva que te envolve,
O manto de ignorancia ! Os olhos ao céo volve !
Em vão procuras Deus !

II

Dize-me, sim, e conta os dias que passaste
Cheio de fome e frio e tiritando nú !
As estradas que andaste
Por chuvas e por sóes ; e o que desejas tu !

Conta-me, sim, heroe, a tua velha historia,
Diz'-me como alcançaste os louros immortaes,
A corôa de gloria,
Que tua fronte cinge em largas espiraes!...

Mas repara que és servo ignaro das paisagens
Que tu proprio creaste, e lendas, deuses, leis,

— Fantasticas visagens !... —

Heroe ! livra-te alfin das crenças e dos reis !

III

Homem ! se vives 'inda agora de ignorancia
 N'um tenebroso véo sepulto, — como as noutes
 Em páramos de tréva, acaso tu na infancia
 Da humana geração entre milhões de açoutes,
 Que a propria natureza aparelhára insciente,
 Terias mais saber, ou eras mais potente ?...

Não !... Tu, — escuta, heroe, — vivias como a fera
 Em profundos covis e na cerrada selva
 Sósinho, triste, nú ! Engrinaldado de hera
 Ias dormir ao Sol n'um thalamo de relva ;
 E fugias do rio ao ver a tua imagem
 Na lympha rumorosa ! Eras então selvagem !

Temias — irrisão ! — a tua propria sombra ;
 E adoravas o Sol, o mar, a tempestade,
 Até a mesma terra — essa viride alfombra, —
 O raio e a penedia ; em tua soledade
 Vias sempre um Fetiche, um deus, uma grandeza,
 Em cada acção real da fertil natureza !

Vivias sem desejo, inerte o pensamento ;
A lingua ainda presa uns sons imperceptiveis
Apenas enviava ao céo na aza do vento !
E vendo indiferente os sitios apraziveis,
Apanhavas do ramo o pômo primoroso,
Leite de tua infancia e teu primeiro goso !

Vinha, porém, o inverno e as folhas verdejantes
Caiam pouco a pouco em volta dos arbustos ;
O rigoroso frio os membros teus possantes
Fazia estremecer ! Em dois ramos vetustos
O Fogo descobriste — a chamma purpurina ;
Com elle te aquentaste ao descer a neblina.

E como n'este tempo as arvores despidas
Te não dessem já fructo, a caça perseguiste
Com outros na campanha em fatigosas lidas !
Foi propriedade tua a prêsa que feriste
Com as lanças de pedra informes, mas certeiras,
Da vida social as invenções primeiras !

Ao vêres fulgurar as côres e as plumagens
Nos passaros gentis e bellos que apanhaste,
Uns signos ideaes — fantasticas imagens —

Com folhas em teu corpo esplendidos pintaste,
E de pennas pozeste um bellico turbante
E em volta da cintura a tanga rutilante.

O amor! o amor! — o casto e alegre devaneio
Das almas juvenis — ah! não o conhecias!
Era feroz, brutal, o teu fugaz enleio,
E torpes, sensuaes, as tuas alegrias!
E tendo tu esposa apenas por instantes
Não recebias d'ella afagos penetrantes!

Tal é de tua vida o quadro primitivo,
Ó selvagem de outr'ora e caçador do monte,
Eras ignobil, rude, aos fracos offensivo,
E tremias ao vêr o fero mastodontone;
Já vês, ó velho heroe, que o Éden sorridente
É apenas visão ou sonho de doente.

IV

Uns séculos mais tarde apascentando o gado
Nós vamos encontrar-te em viridante prado,
Entoando canções singelas e fagueiras,
Em que pintas o céo, as aves e as ribeiras.

Na via do progresso um passo mais fizeste,
Como a terra ao girar na região celeste,
Um passo colossal!... Na caça de outras éras
Separaste o cordeiro e o cão das bestas feras ;
Outros mais ajuntaste em túmidos rebanhos ;
E, abandonando após de pennas os amanhos,
Cobriste o corpo teu de cambiantes pellos,
De tunicas de lã -- da ovelha os niveos véllos !—
Andavas vagabundo os gados conduzindo
Através da montanha e campo largo e infindo ;
Uma tenda de palha e folhas levantavas
Para dormir de noute e de manhã queimavas.

Do fetechismo puro, a pouco e pouco, um dia
A tua religião tornou-se a astrolatria ;

Adoravas o Sol, a lua alabastrina
E os lumes divinaes da sideral campina !

Os vagos sons de outr'ora, imitação das *cousas*,
Tomaram nova forma e traduzir já ousas
Em palavras a idéa, o vivo pensamento !
Esse divino fogo a progredir mui lento !
Já ousas celebrar em verso melodioso
E bello, 'inda que tosco, o giro magestoso
Do Sol em cada dia, a aurora purpurina,
As nuvens prenhes de agua e a frígida neblina !

Homem ! tu inventaste as frautas sonorosas
Ouvindo ao perpassar, certa manhã de rosas,
Em os canaviaes a viração fragrante
Soltar uns brandos sons de musica distante.

A vida pastoril, a vida que levavas
Nas serras e no valle e campos que passavas
Com teu formoso gado em migração constante,
Fez-te crear a tribu ; a vida sempre errante
Levou-te a combater, fazendo-te guerreiro,
Teus irmãos ao passar nos alcantis do outeiro !

E matavas feroz, ó barbaro, os vencidos,
Que vias a teus pés prostrados e feridos !

Fundaste já familia ! As cãs, argenteos fios
Do patriarcha e pae, do chefe os brancos lios
Faziam-te curvar a fronte. De teus filhos
Podias tu dispôr, como de teus novilhos,
E era de ti escrava a tua esposa bella,
Amena flôr do prado, e candida e singela !

Augmentando a familia e escasseando os gados,
Tiveste de parar nos campos desnudados,
E pedir o alimento á dura e negra terra ;
Tiveste de mover ao sólo crua guerra,
E vencel-o sem dó, tornal-o teu escravo,
E arrancar-lhe do seio outr'ora mui ignavo
Os parcos cereaes, os fructos succolentos.
Então abandonaste os rudes instrumentos
Do mundo primitivo, o silex facetado
Pelo duro metal no fogo trabalhado.

As margens cultivando, as áridas ribeiras,
Espargindo a semente em alinhadas leiras,

E aos agrestes torrões impondo a agricultura,
Tu foste conquistando a calida doçura
Que teu caracter rege e mais e mais domina,
Como o vento que impelle a vaga cristallina.

Um passo mais tu déste, um passo de gigante,
Para a divina luz, que brilha lá distante.

V

Oh ! uns seculos mais, e vemos-te agitando
Entre nuvens de pó nos circos magestosos ;
És gladiador, heroe, com teu irmão pugnando,
E circumdam-te a fronte os louros gloriosos.

E vemos-te sair do seio dos combates,
Dos campos da ventura, a proclamar victoria,
Do inimigo soffrer os férvidos embates
Envolto n'um sendal de sangue, ferro e gloria.

Agora eis-te guerreiro, o luctador eterno,
Que vences teus irmãos em sanguinarias luctas,
E cantas as acções em taças de phalerno
Nas torpes bacchanaes, nas festas dissolutas.

Porém não és brutal como nos velhos dias,
Não matas o vencido, o que tambem foi bravo,
E com quem frente a frente ha pouco combatias ;
Agora fazes d'elle apenas teu escravo.

Tuas armas de outr'ora informes e grosseiras
 Buscaremos em vão — os bronzeos instrumentos ;
 Os novos são de ferro, espadas e viseiras
 E lanças e broqueis dos bellicos tormentos.

Ás pelles de animaes e tunicas singelas,
 Que cobriam teu corpo em tempos já passados,
 Succederam setins e purpuras e télas
 De varia côr e de ouro, e esplendidos brocados !

Tiraste da materia espiritos ethereos
 E corpos ideaes a que chamaste deuses,
 E déste a cada qual templos e eremiterios,
 Extravagante rito e ricas emphyteusis ;

Fizeste-os sensuaes e lubricos, devassos,
 Á tua semelhança — antigo sacerdote,
 Ou velho amphitryão, que em teus marmoreos paços
 Vivias entre o vicio á noute á luz do archote.

Começaste a esboçar em grossos caracteres
 — Oh ! sublime invenção de tua fraca mente ; —

As idéas e acções dos memoraveis sêres,
Dos lucidos mortaes !... Caminhas lentamente !...

Na harpa eólica de ouro hymnos aos deuses fortes
Entoavas, e canções eróticas, divinas,
E cantos de victoria ou de sangrentas mortes !
Cantavas teus heroes e tuas heroínas !

Desenhavas em scena os feitos memoraveis,
Ó tragicó de outr'ora, os crimes e as contendas,
Intrigas e paixões eternas e immutaveis
De teus heroes e reis e deuses — velhas lendas !

Com teu duro cinzel as anneladas cômas
Com firmeza traçaste, as curvas voluptuárias,
A forma delicada e intumecidas pômas
Das deidades gracis, das Venus sumptuarias !

A magestade egregia, olympica, sidérea,
E os musculos viris dos Hercules possantes
— A que apenas faltava a chamma viva e etherea —
Tambem tu descreveste em marmores gigantes.

Fizeste grande luz creando a geometria
E medindo dos céos as fulgidas distancias,
Abriste larga brécha ahi na theologia
Ás crenças preparando infrenes reluctancias.

Agglomerado então, vivendo na cidade,
Creaste sabias leis e fundaste o direito
Dos povos, das nações, da forte Humanidade,
Penetrando a Razão o teu humano peito !

Um passo mais tu déste em busca do futuro
Atravessando ousado as epochas brilhantes
Dos deuses immortaes — polytheismo puro !... —
Quanto afastado vens dos seculos errantes !

VI

Entre aineias, mais tarde, em senhoril castello
Na grimpa da montanha eras senhor feudal !
Vias em cima o céo e lá em baixo o vall',
Sobre que dominava a sombra do cutélo
E baraço fatal.

Vivias combatendo, as armas sempre em riste
Reluziam no campo, em guerra ou em torneio,
Das crenças e da fé tu eras rijo esteio !
Ninguem ao poderio indomito resiste ;
És tyranno em teu meio !

Porém a velha *cousa*, o desditoso escravo,
Transformou-se em pessoa e pôde ter mulher
E filhos e familia, e mui longe entrevêr
Um futuro melhor ; é servo e pede bravo
Ás terras o comer.

A mulher ! a mulher ! é grato devaneio,
 Alegre inspiração do meigo trovador,
 Que na dourada lyra ondulações de amor
 Dedilhava sentido — occulto e casto enleio
 D'este nosso Thabor.

Eis ahi a mulher, um idolo constante
 Do guerreiro e do vate, a virgem dos conventos,
 A inspirada febril nos lucidos momentos
 De paixão por Jesus fagueira e delirante,
 De amor pelos tormentos !

Os deuses já senis temiam o destino
 E tu fizeste d'este o verdadeiro Deus,
 Indivisivel, uno, o morador dos céos,
 O que castiga o máo e recompensa o dino,
 O Johovah dos hebreus !

Na meia-edade és bispo, és sacerdote, és frade,
 E fundas sobre a terra o episcopal governo,
 A melicia divina, o prégador eterno
 Que dominava o povo — os campos e a cidade
 Mostrando o rubro inferno.

E pintaste na téla as frontes delicadas,
 Os contornos gentis das virgens ideaes,
 A cruciante dôr das madres divinaes,
 Dos martyres christãos as faces maceradas !
 E ergueste as cathedraes.

Epopéas de pedra, egregias, deslumbrantes,
 De que vêmos brilhar 'inda hoje as rendilhagens,
 As naves e os florões, ogivas e ramagens,
 E cupulas geniaes, que cortam penetrantes
 As ceruleas paragens.

E descobriste um pó, que a destruição infrene,
 Ó pária, ó velho heroe, arroja impetuoso
 Com furia de gigante ao alcaçar famoso !
 Com elle já oppões o teu valor perenne
 Ao dominio orgulhoso.

Tambem mediste o tempo, os annos, noute e dia,
 Inventaste os brazões e os numeros singelos,
 A bussola guiou-te a continentes bellos
 E ao mundo velho déste um mundo que sorria
 Envolto em verdes élos.

As obras immortaes apenas transmittidas
Em pergaminho outr'ora em poucos exemplares,
As dás com profusão aos centos, aos milhares !
Os livros, a palavra, as vozes repetidas
Vão a todos os lares !

Um passo mais fizeste e buscas o caminho
Da placida ventura ao longe no porvir ;
E vaes, e vaes em frente, e segues sem cair
A vereda espinhosa, a luz branca do ninho
Que ao longe vês sorrir !

VII

Novos tempos alfim chegaram, novos dias,
 E mais proximo estás de meigas alegrias
 Que brilham no porvir !

Já conheces da terra os largos hemispherios,
 E investigas constante os fulgores sidereos,
 Que vês no céo luzir.

Descobriste do mundo os varios movimentos,
 Procuraste no chão os velhos sedimentos
 E as cinzas dos heroes ;
 As leis do som e peso á physica pediste,
 E as da combinação dos corpos tu as viste
 Nos férvidos crisóes ;

Nos leitos do hospital buscaste as leis da vida
 E nas mesas fataes na carne apodrecida
 Da fria dissecção ;
 E examinando o pó da gelida morada
 Das mortas gerações tiraste a lei sagrada
 — A lei da evolução !

As linguas comparaste, os cantos carolinos,
 Os versos provençaes, os contos, lendas, hymnos
 E velhas tradições ;
 As raças estudaste, epopéas e ritos,
 Formaste uma sciencia approximando os mythos
 E as varias religiões.

Roubaste á dura terra a hulha carbonada
 Pelos raios do sol ha seculos gerada
 Nos intimos cadiinhos ;
 É ella a grande força, a força que sustenta
 Os leviathans de agora, os move, os alimenta
 Nos ruidosos caminhos !

Applicaste o vapôr e sulcas vastos mares,
 Corres da velha Europa aos placidos palmares,
 Á China, a Cananor,
 Em possante navio, e cortas contra o vento
 A encapellada vaga, e dá-te movimento
 O carvão — o vapôr !

É este quem produz os panos que tu vestes ;
 É este quem te dá os fulgores celestes,
 Que brilham nos salões,

Desenvolveu a industria, aperfeiçoou a guerra ;
 Emfim hoje és senhor do vasto mar e terra,
 Servo das multidões !

O pária converteu-se agora em operario
 E vive trabalhando e cumpre seu fadario !
 Busca um tempo melhor,
 Um tempo em que deixando a sujeição mesquinha
 Trabalhe para si !... Ha muito elle caminha
 Ao vindouro fulgor !

A mulher ! a mulher, independente e bella
 Hoje a vemos brilhar na terra qual estrella
 No resplendente céo !
 É a filha adorada, a meiga e casta esposa,
 A desvelada mãe, a mãe que não repousa
 Da vida no escarcéo !

E tu hoje és burguez, tu vives descuidado
 Sem crenças e sem fé ; encaras o passado
 Com alvar indiff'rença,
 E temes o porvir, temes o proletario !...
 Porém a evolução da vida é corolario ;
 É essa a nova crença !

VIII

Eleva pois a fronte, e vê o sol fulgente
Seus raios derramar, que douram tua frente,
Oh ! vê no azul celeste o rubido fanal,
Que esparge o pó dourado, a chamma perennal
Por sobre a terra dura, — a chamma fecundante,
Que lá no intimo géra o puro diamante !

Ao longe no futuro um aureo e novo sol,
Do que este mais formoso e vivo, é teu farol !
Para elle, — 'inda que cego e devagar caminhas, —
Já muito tens andado e, como as andorinhas
De campo em campo vão, assim ha muito vens,
Aureos louros trazendo e a alvura das cecéns,
Dos annos através, dos seculos sem conta
E buscas no porvir o que a Razão te aponta !

Oh ! segue, segue, heroe, a immaculada luz,
Não descances o olhar na mortuaria cruz,
Não temas o porvir nem volvas ao passado
A vista lacrimosa, o rosto desmaiado !

És obra de ti mesmo, és sempre o grande heroe !
 Teus feitos colossaes ninguem jámais destroe !...
 Repara no caminho ! — a triste e longa via
 Está tinta de sangue, e sangue que escoria
 De teus seio gigante !...

Oh ! segue, segue, vae !
 Não temas já Satán nem temas o Sinai !

Tu descobriste as leis invariaveis, bellas,
 Que regem a materia, os campos, as estrellas ;
 Sabes as leis da vida e a lei da evolução ;
 Não temas, pois, a voz, — voz da revolução !

Oh ! segue, segue, vae, eleva tua fronte !
 Do bem estar presente és tu a propria fonte ;
 Foste quem arrancou á terra os mineraes
 E d'elles fabricaste as obras geniaes ;
 És, pois, o grande heroe ! em páramos de trévas
 Nascendo tu subiste e ainda hoje te elevas
 Pelo correr do tempo á fulgurante luz,
 Que ao longe no porvir esplendida seduz !

Oh ! segue, segue, vae, a fronte sempre altiva,
Apartando-te mais da senda primitiva,
Em busca de um futuro e resplendente sol,
Do qual gozas já hoje o candido arrebol !

IX

OS HEROES

A GOMES LEAL.

Ô gloire, ces héros comment s'appellent-ils ?

VICTOR HUGO.

Cantemos os heroes, — os filhos memoraveis
Da humana geração, — heroes divinos,
Que fizeram no mundo inventos perduraveis,
E aos alterosos pinos
Do seculo presente nos alçaram,
A pouco e pouco, a nós, e d'elle conquistaram
Os louvores mais dinos!

Cantemos os heroes, — o negro pó disperso
Pelas tristes agruras do caminho!

Cantemos os heroes que nem sequer um verso
 Têm, ou de gloria um ninho !
 As cinzas d'elles jazem esquecidas,
 Ou nas azas do vento agora eil-as trazidas
 Em louco redemoíinho !

Cantemos os heroes ! — Elles são tantos, tantos,
 Como as flôres que vestem os outeiros !
 Elles o fertil chão de seus amargos prantos
 Regaram. Dos primeiros
 Quem saberá as cruciantes dôres,
 Os dias de pezar, desânimos, terrores,
 E seus nomes fagueiros ?

Quem descobriu o fogo,—as chamas fulgurantes,—
 Esse filho do Sol, que nossos peitos
 Enchendo de calor nos dá forças gigantes ?
 Quem os sulcos estreitos
 A vez primeira abriu na terra dura ?
 Quem inventou o arado e pela agricultura
 Venceu maninhos leitos ?

Quem ao silex pediu os toscos instrumentos
 Da primitiva edade, as rudes lanças ?

Quem das frautas tirou uns modicos lamentos;
E os córos deu e as danças?
Quem levantou nos campos e nas bouças
De colmo habitaçāo silvestre e as frias choças
Cobriu de seccas franças?

De purpura tingindo os vellos dos rebanhos
As tunicas teceu — as longas telas?
E, fundindo os metaes, de bronze fez amanhos,
E fez armas singelas?
Do seio das florestas os teares
E naves arrancou? e acommettcu os mares
Soltando as pandas vélas?

Quem trabalhou o ferro, e, nos fugazes ventos
Encontrando um motor, em altos montes
Dos moinhos lançou os fortes elementos?
E construiu as pontes?
Das rochas duras o cristal luzente
Extraiu, e nos deu o vidro transparente,
Mais limpido que as fontes?

D'este mudando o grāo nos desvendou o espaço
Que sobre nós se eleva luminoso?

E do minimo objecto abriu-nos o regaço
 Fazendo-o grandioso ?
 O vapôr divulgou e os conductores
 Electricos que o mundo abrançam com fulgores
 De um talento assombroso ?

Quem inventou emfim as cousas mais sublimes,
 Que empregamos ha muito descuidados,
 Sem pensarmos sequer, que victimâ de crimes
 E de mofinos fados
 Foi o inventor talvez nos velhos dias,
 Em que humilde viveu viuvo de alegrias
 Em tempos affastados ?...

Estes são os heroes ! — heroes do pensamento !
 Heroes sem nome ! heroes que o mundo acclama,
 Porque de um berço ignoto, a nós, a passo lento
 Nos tiraram ! E a chamma
 Do Sol circumda os feitos seus de glória,
 Mas seus nomes fixar no templo da memoria
 Não pode a grata fama !

Os nomes esqueceu a geração humana
 D'esses heroes eternos, verdadeiros,

Que em lucta desmedida, em lucta mais que incana,
Esplendidos guerreiros,
Nas campanhas venceram a natura,
E mostraram-nos vir surgindo a luz futura
Por detraz dos outeiros !

Heroes ! heroes ! — Na terra os nomes resplendentes,
Unidos por um só — Fraternidade,
Jazem todos no seio ctherco dos videntes
Dos vates da Verdade !...
Todos elles encerram-se brilhantes
Como em aurea corôa os ricos diamantes
N'um vulto — a Humanidade !

X

MOHAMMED NO DESERTO

Dizem : O Misericordioso tem um filho.
Acabaes de pronunciar uma impiedade.

KORÃO.

Encostado á palmeira sacrosanta
Na gruta solitaria do Hirah,
Eis scisma Mohammed e ao céo levanta
Os olhos como em busca de Jehovah !

Eis scisma na palavra augusta e santa,
Que ouviu a vez primeira a Bahirah,
Um monge, de Nestorio que a lei canta,
Na syrica cidade de Bosrah.

Eis scisma Mohammed na immensidão
E diz com gesto brando à multidão:
— « Em nome do Deus uno da verdade,

Venho cumprir prophética missão;
Dizer-vos — Deus é Deus, não é Trindade;
Trazer-vos a lei santa do Korão ! »

X I

À MULHER

La femme, considérée dans son aspect supérieur, c'est le médiateur d'amour.

MICHELET.

I

Mulher! anjo celeste, irmã das açucenas!
Tua missão na terra é pura e divinal!
És fagueira visão — pomba de níveas pennas
Em lucido pombal! —

No transparente véo envolta da beldade
És um íris de paz na terreal mansão,
Dando á Humanidade
Os laços perennaes e ternos da affeição!

És filha, esposa, mãe, apostolo divino
 Do evangelho do bem, do santo amor do lar !
 Ao redor de teu corpo ethereo e peregrino
 Os sonhos e illusões espanges ao passar.

Do berço á feral campa estrella fulgurante
 Sempre tu és, mulher, mimosa flôr de liz ;
 Os mimos celestiaes rodeiam-te constante
 E as graças infantís.

És grato enlevo da alma, és alegria infinda
 Dos esposos, dos paes, — virginea flôr dos céos !
 És inocente e linda ;
 Arrosta, pois, audaz da vida os escarcéos.

Sê casta esposa e mãe affavel, carinhosa,
 E evita o negro abysmo, o abysmo que seduz !
 Não sabes que de noute a leve mariposa
 Procura seduzida a cruciante luz ?...

II

Sublime é o dever da virgem rosea e pura,
 I'a filha estremecida ao lado de seus paes !

Mais sublime o da esposa, — a pomba de candura
Dos flaccidos rosaes ! —

Ah ! quanto mais sublime, esplendida e gigante
Não é, não é da mãe a singular missão !
E que dôr lancinante
Se o filho vê soffrer lhe parte o coração !...

Como o botão de rosa é bello 'inda fechado,
E mais bello se torna abrindo á luz do Sol
Na meiga primavera o cálice rosado,
Da abelha doce encanto e roscido farol !

Assim tu és na vida, ó cysne de alvas pennas,
Seductora visão, que á noute nos sorris
Nos espaçosos céos das illusões amenas
E idyllos juvenis !

Assim tu és tambem, não perdes a belleza
Com desleixo infantil de pomba que fugiu;
Antes a natureza
Mais formosa te fez se o thalamo floriu !

Tu és então, mulher, a esposa, eburneo lirio,
 Tu és então a mãe, de amor siderea luz,
 Niveo archanjo de paz e heroina do martyrio,
 De acerba abnegação exemplos dás a flux !

III

Mulher! o que eras tu outr'ora, n'essa edade
 Que o mundo desconhece — edade primordial
 Em que nasceu em berço ignoto a Humanidade
 A deusa do Ideal ?

O que eras tu então?... D'essa epoca distante
 Ergueu-se pouco a pouco á luz viva do Sol
 O Prometheu gigante,
 O pensamento humano, em fulgido crisol !

O homem de grão em grão subiu a passos lentos
 Dos tempos através, e tu fitando o céo
 Fugiste á sujeição dos orientaes tormentos
 E encontraste na Grecia o triste gyneceo.

Subiste mais e mais no carro do futuro
 Até ao solio egregio — altar do teu amor,

D'onde espanges, mulher, do bem o fogo puro,
 Raios do teu fulgor.

Foste a Musa ideal dos brandos trovadores,
 Dos vates geniaes a doce inspiraçao ;
 E d'este aos inventores,
 Aos filhos do trabalho, alento e animaçao !

Assim fundaste um templo em nossos fortes peitos,
 Ó centro da familia, inexgotavel mar
 De affectos, de prazer ! — Recebe nossos preitos
 De eterna adoraçao no sacrosanto lar !

IV

Mulher ! dirige o mundo e rege a loura infancia,
 Governa com mão firme os tenros corações,
 Procura arrebatar ás garras da ignorancia
 As novas gerações !

Protege os filhos teus e mostra-lhes o trilho
 Da Verdade e Razão — a immaculada lei !
 Mostra-lhes, sim, o brilho
 Da Consciencia humana — o vero e unico rei !

No berço de teu filho as aves de rapina,
 Os padres immoraes, os filhos de Satán,
 Fitam um torvo olhar!... Cruel carnificina
 Ameaça ha longo tempo o dia de ámanhã!...

Os lirios virginæs, as vossas castas filhas,
 Ó santas que sois mães, vereis emmurchecer!
 Oh! á sombra mortal das negras mancenilhas
 De certo vão morrer!

Já muitas os chacaes ao mundo têm roubado,
 — Muitas virgens do céo e candidas huris! —
 E do templo sagrado
 Fizeram lupanar, serralhos e covis!

Cautela, pois, sentido! ó carinhosos êres,
 Que a descuidada infancia ao peito amamentaes!
 Cautela, sim, ó mães! os mysticos prazeres
 Arrastam a innocencia a torpes lodaçaes!

V

E vós, brancas vestaes, e vós, ó virgens bellas,
 Cherubins, que accendeis em nosso peito amor,

E no mundo brilhaes, como no espaço estrellaes
 E nos campos a flor,

Fugi, sempre, fugi das viboras malditas,
 Dos padres da mentira, hypocritas, atheus,
 Modernos Jesuitas,
 Que infestam as nações e amaldiçoam Deus !

Fugi, pombas, fugi da sedução infrene,
 Dos harens, dos bordeis, da clerical mansão !...
 Mulher ! viçosa planta, anjo de amor perenne,
 Vemos-te no porvir qual luz de redempção.

Arranca, pois, a venda, a venda luctuosa
 Que tua vista cobre ! o tempo já passou
 Do morbido Jesus, da crença mysteriosa
 Que o povo outr'ora amou !

Resplandecente ao longe o sol da nova idéa
 Eleva-se inundando a terra de fulgor ;
 O mytho da Judéa,
 Mulher, eia ! abandona ao ultimo estertor !

Mostrando radiante a luz d'esta alvorada
Que emana do horizonte azul de ignotos sóes,
Prepara as multidões, inexhaurivel fada,
Prepara do futuro os crentes e os heroes !

LIVRO SEGUNDO

LAVAS DA REVOLUÇÃO

I

À MUSA

Un Idéal succède à un autre idéal.

E. QUINET.

Outr'ora eras ridente e meiga e alabastrina,
Como a corça gentil correndo na campina ;

Em teus labios havia uns risos infantis,
Róseos, como as manhãs dos flóridos abrís ;

Brilhava em tua fronte a sideral candura
Dos lirios virginæs, da pomba etherea e pura ;

Tua côma dourada em noutes de luar
Tinha o fagueiro olôr da arabica Dofar ;

Tua vista gracil mostrava entre a ramada
O brilho de cristal da fulgida alvorada ;

E tua voz saudosa e cheia de frescor
Soltava distraida almas canções de amor.

Mas hoje és mui diversa, ó Musa de meus cantos !
Já não te envolvem mais os doces amaranthos,

Já não cantas alegre os hymnos da paixão,
Nem ornam teu cabello as perolas de Ainão ;

Vestes um longo véo singelo e rubicundo,
Que teu contorno traça athletico e rotundo ;

Ostenta tua dextra um látego de luz
Com que zurzes atroz as viboras da cruz ;

E tua sestra eleva um labaro setineo,
Luzente como o sol, e como o sol sanguineo ;

O teu cabello louro, espesso e divinal,
Gira solto á mercê do forte vendaval ;

O 'teu sorriso é triste, ironeo, lancinante,
E teu olhar de fogo é vivo e coruscante;

O som de tua voz rebôa ameaçador,
Como da tempestade o horrido estertor.

Teus hymnos e canções, que ha pouco eram fagueiros,
Altivos são, febris, estridulos, guerreiros !

E fulge em tua fronte alva como a cecém
A luz de novo dia — o dia que lá vém !

II

O PROLETARIO

Se ha mãos ainda ahi para estenderem
Á luz da gloria um ferro e se ha ainda
Povos livres na terra e em peitos novos
Ha livres corações — á guerra, ó Povos!

ANTHERO DO QUENTAL.

Ha muito que dormia o velho proletario
No verdenegro chão dos torpes lodaçaes,
De trabalhos sem fim envolto n'um sudario,
Sujeito á voz dos reis, e á voz das cathedraes;

Quando uma noute ouviu surgir do proprio seio
Um grito de vingança e de revolução:
«Acorda, proletario, acorda e sem receio
Ergue-te e despedeça altivo o teu grilhão.

Curvas tua cerviz em face dos tyrannos ?!
 Não vês quem elles são ? ... São homens como tu !
 Desperta, pois, gigante ! Ahi ha longos annos
 Jazes inconsciente, agrilhado e nú !

E os sanguinarios reis, os lubricos sicarios,
 Escarnecem de ti e pisam-te ao passar ;
 Tu és mesquinho e pobre, expulso dos lararios,
 És um verme da terra ; a terra has de habitar !

Elles são a nobreza, e são os reis divinos,
 Em suas veias corre o puro sangue azul ,
 E dormem sensuaes em leitos purpurinos
 Nos braços de marfim das Venus de Stambul.

Elles são o poder, tu és o velho escravo ;
 Elles, o orgulho, o mal, os crimes, a traição,
 Tu, miseravel, prêso, humilde, triste, iguavo ;
 Poucos' elles, porém, e tu, a multidão !

Tu és a multidão !... tu és a força bruta !
 Ainda que roto e vil tu és a robustez ;
 És o povo, és Protheu ! Combate, pois, e lucta,
 Ó proletario, lucta e mostra alfin quem és !»

Assim dizia a voz recondita do peito
 E o proletario ergueu-se e com sorriso alvar
 Em roda olhou, bramiu, e com feroz aspeito
 Sacudindo os grilhões amedrontou o mar !

«Vingança,» elle gritou, e derramando sangue
 Com sua mão de ferro os thronos derruiu,
 E ao vêr no cadafalso um rei cair exangue
 O vingativo heroe sarcastico sorriu.

Já ebrio de vingança o corpo nas ruinas
 Estende o velho pária e tenta descansar
 Da lucta desmedida ; as pedras cristallinas
 Tintas de rubro sangue o leito são e o lar.

Eis que de novo sente a voz da consciencia
 No peito despertar ; assim lhe diz a voz :
 «Repousas do combate ?... oh ! humanal demencia !
 Por ventura vingaste o sangue dos avós ?

O negro despotismo agonisou na guerra ?
 Ou d'essa tyrannia acaso hoje tens dó ?...
 Bem sei que a alta cerviz de um rei caiu por terra,
 E dos nobres já mil e mil jazem no pó !

A realeza vã, o privilegio é morto ?
 Oh ! não ouves ainda a voz da cathedral ?
 Aquelle bronzeo som, que indica o velho porto
 De eterna salvação, não é tambem fatal ?

Não habita no templo um sensual tyranno ?
 Não é um lupanar, de feras um covil ?
 Não temerás acaso as garras do milhano,
 Que ha seculos te crava o cerebro febril ?

O rei da cathedral acaso é menos fero,
 Do que o vencido rei, tyranno da nação ?
 Mais torpe e mais infame é Napoleão ou Nero,
 Do que Borgia ou Mastai ? e Cesar, do que Leão ?

Seu deus é a Mentira, o deus de seus altares !
 E tu adoras 'inda a mortuaria cruz !
 Offuscam-te a Razão ! e para venerares
 Pintaram n'uma téla um morbido Jesus !

Dos mythos orientaes alçou-se o Nazareno,
 Um cadaver já frio, um deus de maldição !
 Tu queres da Verdade e Bem o amor sereno,
 Ou adoras o deus e heroe da Inquisição ?...

Bem sei ! odeias este, odeias seu dominio !
Ergue-te, pois, ilóta, ergue-te, corre, vae,
E solta o grito audaz, o brado de exterminio
Contra a deusa Mentira e a lenda do Sinai !»

Assim fallou a voz ! Sorriu o proletario
E erguendo o corpo disse : «Eis que tambem chegou
Teu dia, ó cathedral, e o fim de meu fadario !»
Comtudo a grande lucta ainda não findou !...

III

À IDOLATRIA MODERNA

Abri os olhos, vêde, olhae essas imagens
Nas egrejas *pagãs* ao largo céo erguidas,
Rodeadas de esplendor nas aras carcomidas
Entre nuvens de fumo e candidas roupagens!

São idolos *pagãos*, são infernaes visagens
De guerreiros crueis, de virgens poluidas,
De filhos de Satán, de loucos, de homicidas,
Fanaticos, atheus, devassos e selvagens.

Ó povos, ó nações ! — olhae o novo dia !
O que a par de Moysés põe Christo e põe Mafoma,
E o que expulsa e destroe a torpe theocracia,

Os papas sensuaes e as leis da velha Roma.
Os idолос parti, calcae a idolatria
E abri os olhos bem á grande luz que assoma.

IV

SCENA NOCTURNA

Por alta noute um padre n'uma esquina
De uma viella immunda, velha e esguia,
Envolvido em alcoólica neblina
E esperando talvez a luz do dia,

Dos espaços a fulgida campina
Olhava distraido, mas não via
Sequer um palmo só ante a retina,
E ás pedras da calçada assim dizia:

«Ha muito que morreu o Padre Eterno,
E que são letra morta os Evangelhos !
Espessa noute reina lá nos céos !

O verdadeiro Christo é o phalerno,
Ou o porto guardado em toneis velhos ;
E tu, ouro brilhante, és o meu Deus ! »

V

HIC DEORUM SEDES

Só querem hoje achar os eruditos
Nas crenças do presente e do passado
Chimeras, illusões e falsos ritos,
Fantasias do espirito exaltado!

Como do throno os reis, trazem proscriptos
Os Eternos do céo illimitado,
Pois dizem não haver aos sacros Mythos
Nos espaços logar apparelhado.

Oh ! não chorem, jámais, os velhos crentes
Por verem os seus Deuses decadentes,
Nem ergam sobre os doutos um bambú ;

Pois se não ha dos céos no lato espaço
Para os Deuses vasio algum pedaço,
Vasio tenho o canto de um bahú.

VI

O PECCADO DE EVA

Adão estava só no paraíso
Seismando, e a fronte envolta em densa tréva ;
Vendo-o triste, Jehovah com um sorriso
Lhe creou n'um instante a casta Eva.

Era feliz o par, sincero, liso,
E adorava o bondoso e sacro *Dêva* !
Este, um dia, a Adão tirou o riso
Começando a mostrar-lhe a fronte séva.

Cheio de insano e lubrico desejo
Ao ver a feminina perfeição,
Ardendo em febre lhe pediu um beijo.

Ella fugiu ao velho Dom João,
E ao marido o contou, rosea de pejo!...
Este foi o motivo da expulsão.

VII

MANE THECEL PHARES

Era lauto o festim !...

Os nobres convidados,
Cobertos de setim e purpura, sentados
Estavam ao redor da mesa do banquete,
Que destillava o olôr de estufa ou alegréte
De rosas, de lilaz ; os lustres cristallinos,
Onde brilhava o gaz, — reverberos divinos, —
Davam sobre as feições e rostos rubicundos
Vivas scintillações de jubilos profundos !
As taças do prazer em punho ao céo erguiam,
Mas antes de beber saudando o rei sorriam !

Terminava a função!... A forte Magestade
Dizendo uma canção brindava à Divindade!

E enquanto o doce vinho alegra a Realeza,
Lá fóra um rapazinho entôa — a MARSELHEZA!...

VIII

O PESADELO DOS REIS

Coitado ! passa as noutes sem poder
Pregar olho sequer por uns instantes,
Pois vê a cada passo horripilantes
E fantasicos vultos a correr.

Nos bailes julga ás vezes ver Rousseau
N'um pobre duque, e n'um barão Voltaire ;
Nas caçadas um gamo, que não fere,
Parece-lhe Santerre ou Mirabeau.

Uma noute eis acorda e um pulo dá
Sobre o leito sentando-se enfiado,
Esfrega os olhos, e 'inda transtornado
Exclama: «Vi o rosto de Marat.»

IX

AOS REIS

Qu'est-ce qu'un roi?

DIDEROT.

Vosso tempo findou ha muito, ó reis potentes,
Que em louca embriaguez passaes os longos dias
Nos flaccidos coxins dos paços resplendentes,
Em ondas de prazer, sedentos de alegrias !

Vosso tempo findou, ó lubricas serpentes
Dos povos, das nações, ó viboras esguias,
Que ha muito habitaes as arvores frondentes
Do mundo velho, ó reis, ó velhas tyrannias !

Hoje sois carnaval, e carnaval eterno,
Caricaturas vãs, fantasticas visões,
Das peças de Offenback os pallidos truões !

Hoje vós divertís a turba, o mundo hodierno
Com uns torpes *can-cans*, e apenas sois, ó reis !
Bonecos de kaolim cobertos de europeis !

X

A ENGEITADA

Que haya un cadáver más ¿ que importa al mundo ?

ESPRONCEDA.

Que noute ! Deus meu, que noute !...
Nem uma estrella no céo
Scintilla. Todo o horizonte
Coberto de um denso véo !

Negras, espessas as nuvens,
Accumuladas, fataes ;
O vento geme correndo
Florestas, bosques, pinhaes !

Eis cae a chuva a torrentes ;
 Fuzila o raio ; o trovão
 Ribomba ; quebra os pinheiros
 Fero e cruel furacão.

Uma creança caminha
 Descalça, rota e molhada,
 Chorando, triste, sem guia !...
 É uma pobre engeitada.

Morreu-lhe a mãe adoptiva !
 Seis annos ella terá.
 Coitada ! treme de frio...
 Caminha !... para onde irá ?... .

É tudo ao redor deserto !
 Não ha casal nem guarida,
 Apenas á luz dos raios
 Negreja ao longe uma ermida.

E a trovoada prosegue,
 Prosegue a chuva tambem,
 Nenhuma voz nem latido,
 Ninguem nos campos !... ninguem !...

E a desditosa engeitada,
Caminha sempre, caminha
Por campos, montes e valles
Até á velha ermidinha.

À porta bate... silencio...
E continua a bater...
Ninguem responde, nem abre,
Ninguem a vem recolher!...

E chora a triste engeitada,
Chora, tem fome... quer pão...
Ninguem lh'o dá!... Soluçando
Ella ajoelha no chão;

Ao céo as mãos alevanta
E reza a Salve Rainha,
Implora a Virgem Maria,
Sua mãe, sua madrinha.

Em quanto chorosa pede
Ao vasto céo protecção,
Sente ao longe no deserto
Uns sons de estranha feição!

Espera a pobre creança
 Que seja algum enviado
 Da Virgem, da Mãe saudosa,
 Condoida do negro fado.

Espera !... triste esperança !...
 Espera, investiga o escuro ;
 Os sons mais proximos sente
 E um tropel ingente e duro.

Vê ao redor uns luzeiros
 Pequenos, rubros, fataes.
 São pyrilampos aos bandoes,
 Ou são olhos de animaes ?...

Infeliz !... treme de medo !...
 É de todo abandonada ;
 Nem sequer a Virgem santa
 Ouviu a prece sagrada !

A Virgem, o céo é surdo
 Á supplica, á oração ;
 Ai ! bem triste, quem confia
 N'essa enganosa visão !

Os sons, que proximo sente,
Sente-os agora distintos,
— São uivos, uivos tremendos,
Uivos de lobos famintos!...

.....

— — — — —

Entretanto n'um baile esplendido, brilhante,
Ao louco som da valsa, os pares e os amores,
Entre nuvens de renda e lucidos fulgores,
Voltejavam em curso alegre e delirante.

Uma dama gentil, esbelta e deslumbrante,
A fronte reclinava envolta em roseas flôres
No hombro de Dom João, um Dom João de horrores,
E a seu peito encostava o seio palpitante.

E ao ribombar lá fóra o estâmpido sublime
Sorria a meiga dama — a flôr do vicio e crime —
Ao torpe e velho amante — o rei dos lodaçaes ! —

E já nem um nem outro acaso se lembrava
Do fructo criminoso — a filha, que chorava
Ao pé dos lobos só !

Ah ! sois uns canibaes !

XI

REALIDADE

Donnez-moi du travail.....
Je n'ai que faire de tes services, répond le
propriétaire en présentant le bout de sa pli-
que ou le canon de son fusil.

P. J. PROUDHON.

Eil-a ! a triste creança ! á beira de uma estrada
Estende humildemente a macilenta mão
Ao povo que alli passa, e com a voz cortada,
Cheia de amarga dôr, eis pede a todos pão !

Ás vezes o opulento, o nobre, o perdulario
Com arrogancia diz : — « Vae trabalhar, rapaz ! »
E passa, segue em frente, emquanto o proletario,
Se esmola lhe não dá, manda o pequeno em paz.

Se ao rotundo burguez disser o desgraçado :
«Dê-me trabalho, dê-me, ai ! dê por compaixão !»
Aquelle dir-lhe-ha, andando apressurado :
«Queres talvez roubar-me!.. ah! sae d'aqui, ladrão!»

XII

OUTRO JUDAS

Le prêtre n'a que lui seul dans le monde,
repoussé de la société, il se concentre; et
voyant que tous les hommes s'occupent de
leurs intérêts il cherche le sien.

CHATEAUBRIAND.

Era n'uma noute fria
Do triste mez de janeiro;
No campo, no valle e outeiro,
O vento forte corria;

No céo pallido e sombrio
Pairava a negra tormenta;
Levantava o fero rio
A côma altiva e cinzenta;

A cidade repousava
 Da alegria e da tristura
 Em sonho de alma ventura,
 Em sonho que a inebriava ;

As ruas eram desertas!...
 Apenas de vez em quando
 Passavam formas incertas,
 Um vulto ou outro cantando.

Uma figura indecisa,
 Suspeita, escura, fatal,
 Saindo de um tremedal
 Eis ao longe se divisa.

As ruas corta apressada,
 Como se o vento a levasse !
 Sinistra vae e embuçada,
 Não se lhe vê nem a face.

Pára... sóme-se... mas volta
 E continua a carreira
 Qual ave no céo ligeira
 Quando vôo immenso solta !

Por baixo da capa vê-se
 Um volume desmedido !...
 O que será que merece
 Vir, como um roubo, escondido ?...

Eis pára de novo, e agora
 Ante a porta de um bazar.
 Pára... bate devagar...
 Abrem e entra sem demora.

«Oh ! quem é ?» de dentro brada
 Um velho com voz rouquenha,
 Mostrando a cara enrugada
 Onde o enfado se desenha ;

«Sou eu, amigo !» tremendo
 De cansaço alguem responde,
 E tira a capa que esconde
 O rosto de um reverendo.

Desfaz o padre o volume
 Que sob a capa trazia ;
 E appresenta, à luz do lume,
 Jesus na extrema agonia.

Com um modo nunca visto
O crucifixo entregando
Pergunta ao velho gritando:
«Quanto me dás pelo Christo?»

Com cuidado este examina
A imagem, e diz baixinho,
Mostrando a joia divina:
«Não dou mais do que um quartinho!»

XIII

O FIM DO ROMANTISMO

I

Quem não o conhecia ?... Arthur, o enamorado,
O pallido rapaz, cantor sempre inspirado,
Que em versos sensuaes comprimentava a lua,
Que ás estrellas sorria — aos lucidos fanaes,
E ao espelho estudava, antes de vir á rua,
Ademanes gentis, grotescos, triviaes.

Amava a multidão das virgens desgrenhadas,
Das victimas do amor que via desenhadas

Nos livros de Gauthier, Balzac e Lamartine,
 E buscava de noute á fraca luz do gaz
 Um novo e grande amor, como ninguem define,
 — Viesse o tal amor de Deus ou Satanaz.

II

Um dia, era á noutinha, em meio da quaresma,
 Passava por um templo, e a essa hora mesma
 Do setenario,— eu sei?! — novena, o quer que seja,
 Envolta em crença e fé saía a multidão !
 Arthur fumando pára e busca o que deseja,
 E perto vê passar esplendida visão !

É ella — a flôr gentil — a virgem desejada,
 Que em sonhos sempre viu ridente, engrinaldada,
 Andando vagarosa e languida, franzina,
 O rosto transparente e morbido, sem côn,
 E umas faixas de anil correndo na tez fina
 Sob os olhos azuis de placido fulgor.

É ella que alli vê, a loura e nivea imagem,
 A celestial visão, a singular miragem

Dos sonhos de prazer, dos sonhos de ventura !
É ella, a flôr de liz, do fulgido ideal
A realidade bella, a perenne candura
Em faces de mulher etherea, mas real !

Helena se chamava a virgem do romance,
Do drama, historia ou conto ! e vendo-a de relance
Arthur a conheceu, — a fada de seu sonho,
E apôs d'ella seguiu ; e vê na habitação
Mais visinha do céo aparecer risonho
Á janella o seu vulto, e diz-lhe adeus co'a mão.

III

Mez apôs mez passou ! Entretanto contente
Vivia o bom Arthur, e sempre alegremente
Fallava á sua amada, á vaporosa Helena,
Por alta noute, ao frio, á chuva sem faltar
Sequer uma só vez ! A diaphana açucena
Na janella fruía os beijos do luar !

Depois as linguas más em vozes mui baixinhas
Vieram murmurar ; — ai ! ditos de vizinhas :

«À meia noute em ponto *alguem* vae ter com *ella*,
 Que sae só de manhã, ao frigido arrebol !»
 «Hontem *a* senti eu fechar cedo a janella,
 E quando *elle* saiu ha muito havia sol !»

IV

Helena cada vez mais delicada estava,
 Mais tenue e franzina ; a vida que levava
 Nada tinha de má ! Os dias indolente
 Sobre um sophá passava, e reclinada lia
 Romances immoraes ! Mui alvo e transparente,
 Qual cêra amolecida, o corpo seu jazia !

V

Em uma noute — ó céos ! — fatal... noute assassina,
 Vinha Arthur visitar a perola divina,
 E... não... não encontrou a luz de seus olhares ;
 Era deserto o quarto e o flaccido sophá !...
 Velou-lhe o coração um manto de pezares
 Quando elle ouviu dizer: — «Ah!... no hospital está!»

VI

Certa manhã, Arthur, o vate desditoso,
 Foiter,—nem eu sei como ! — a um quarto monstruoso

Do lido hospital — o quarto frio e triste,
Onde o escalpello faz as negras disseções !
Então um professor o bisturi em riste
Movia praticando as cruas incisões.

Sobre a marmorea mesa um corpo macilento,
Cadaverico, nú, exangue, pardacente,
Mostrava-se sem véo algum de pudicia
Aos olhos materiaes dos medicos futuros !
E emtanto o professor abria com pericia
Do peito feminil os intimos escuros !

Arthur, como dormindo, ás scenas assistia,
Ás scenas magistraes da lubrica autopsia,
E julgava apertar em seus convulsos braços
Aquelle humano pó, — fantastica visão ! —
O cadaver fitava e punha os olhos baços
Nos dois gastos pulmões — nojosa podridão ! —

Pareceu acordar alfin ! Como atordoado
Olhou em volta... e viu !... tornou-se esverdinhado
Ao contemplar o rosto ao tabido defunto ;
Soltou um grito : «Helena !» — e rapido caiu

Sobre as lages do solo ! O professor que junto
Da mesa estava ainda, ao vêr Arthur, sorriu !

VII

Mczes depois Arthur já esquecera Helena,
E esquecera tambem a dolorosa scena
Passada no hospital ! As noutes amorosas
Desfizeram-se em fumo e as commoções fataes !
Os romances deixando, — idyllos, sonhos, rosas, —
Começou a estudar Sciencias naturaes !

XV

DIES IRÆ

Deixae passar quem passa, ó despotas sanguineos,
Deixae passar o carro immenso da victoria,
O carro que conduz, envoltas n'alma gloria,
As victimas febris de impudicos Tarquinios !

Os restos chegam já dos velhos exterminios,
Sujos de sangue, nús, — a social escoria,
Que se tenta vingar no tribunal da Historia
Dos tigres e chacaes dos negros morticinios !

Os ossos hão de ser esmoidos, triturados,
Os crâneos rangerão no solo escalavrados
Pelas rodas que impelle a rude multidão ;

E o carro seguirá altivo e triumphante,
Passando sobre vós, ó mundo dominante!...
Tu, carro gigantesco, és a — Revolução.

LIVRO TERCEIRO



AURAS DO PORVIR

I

AOS MINEIROS DO PROGRESSO

Pergite animo forti, milites.

LIVIO.

Trabalhemos, mineiros do progresso,
Trabalhemos contentes, semi-nús ;
Mais duros e mais rijos do que ferro
Os nossos camartellos são de luz !

Vamos a pouco e pouco nas muralhas
Vetustas, denegridas, de outras éras,
Ao som do firme embate da Verdade
Abrindo largas bréchas e crateras.

Minemos o alicerce do passado,
 O alicerce das crenças e da fé ;
 Os nossos alviões derroquem, sápem
 As bases colossaes da Santa Sé.

Abrâmos galerias e cavoucos
 Espaçosos, immensos e profundos,
 Onde possam caber esphaceladas
 Doentias visões dos velhos mundos.

Façamos fossos longos e cavados,
 Removamos a terra com as pás,
 Á luz do sol de dia trabalhemos,
 Trabalhemos de noute á luz do gaz.

Cavemos com valor e a sangue frio
 Os terrenos bem solidos, seguros,
 Onde assentam os thronos crystallinos
 Dos Deuses immortaes, tacitos, duros !

E quando vier o dia da victoria,
 O dia mais sagrado do porvir,
 Com estrepito insano e pavoroso
 Os farcemos em negro pó ruir.

Ouvirão no futuro com espanto
O frémito fatal e moribundo
Do desabar das crenças, dos mysterios,
Á luz dos alviões do novo mundo !

E ao menos deixaremos aos vindouros,
Se tempo não tivermos para erguer
Um edificio novo, os campos razos,
Sem cardos, sem estorvos a vencer !

II

TENEBRAE ET LUX

L'idée de Dieu commence à se défaire et
déjà, comme les rois, les cultes s'en vont.

L. VIARDOT.

As imagens dos célicos devassos
Em negro pó desfeitas o ár semeiam ;
Levadas pelos ventos revolteiam
As crenças divinaes em estilhaços ;

Os deuses já morreram nos espaços ;
Os altares e templos bambaleiam ;
Os thronos de ouro estalam ou baqueiam
E fogem os reis tremulos dos paços ;

Dos crédos sem sentido as densas brumas
Se dissolvem na mente, quaes espumas
Nas areias da praia, que reluz !

O mundo velho dorme em longa tréva !
Emtanto ao longe vejo que se eleva
O sol da nova Idéa, a branca luz !

III

VISÃO ESTRANHA

.....Ouvia risos,
Gargalhadas de escarneo, scenas impias
Cantadas com cynismo revoltante.

TH. BRAGA.

Tudo no mundo passa ! A morte feia e séva
No insano turbilhão todas as cousas leva,
 Tudo reduz a pó !
O tempo é seu esposo, eterno e forte esposo,
Que gira sem cessar ! jámais tem de repouso
 Nem um instante só !

O mundo antigo jaz ! Morreu o velho Egypto,
A civilisação, o povo e o sacro rito
 Tudo ha muito ruiu !

Os deuses e os heroes do Grego e do Romano
São pó, e triste pó, são illusão, engano,
De um mundo que fugiu !

Christo ha muito morreu ! Os Barbaros passaram !
Passou a edade média ! Os homens que geraram
As novas *cousas*, são
Hoje tambem poeira e cinza solta ao vento !
Das nações e dos reis eis proximo o momento
De atroz conflagração !

Essa hora já sôou !... Eu vi um certo dia...
— Foi sonho, ou foi visão de minha fantasia ?! —
Infame lodaçal,
D'onde emanava um cheiro impuro, nauseabundo,
Um antro lamacento, ignobil, torpe, immundo,
Um antro de chacal.

Viam-se multidões de vultos pardacentos
Estendidos no chão, outros a passos lentos
Cortando o lupanar,

Silenciosos, fataes, tragicos, tristes, egros,
Quaes espectros do crime, ou quaes fantasmas negros
Em noute do luar !

Um mixto do torpeza ! homens, mulheres, crianças
Viviam em commum entre asquerosas dansas
E bacchicas canções !
Dormiam n'un só leito e sobre a terra dura !
Sinistro mal estar e pallida tristura
Velava os corações !

Jaziam sensuaes, sordidos, macilentos,
Cheios de fome e frio, e pavidos tormentos,
E rotos, semi-nús !
Victimas da miseria, e mãos e esfarrapados !
Os cabellos de pó cobertos, desgrenhados,
E o olhar baço e sem luz !

São *elles* !—sim, mortaes ! — são *elles* que alli vivem !
De dia á luz do sol restos ahi revivem
Dos velhos ouropeis !...

E ao vêrem prepassar alguem pelo caminho
Gritam em alta voz, rouca, cheirando a vinho :
Esmôla aos velhos Reis !

Esta foi a visão ou sonho, ou pesadelo,
Que me causou horror, e julgo ainda vê-lo
Implacavel, fatal !...
Tremei, thronos, tremei ! proximo vejo o dia
Em que só restará de vossa tyrannia
A lousa sepulchral !

IV

O JUIZO FINAL

Tremei, velhas nações, estacionarios povos,
Ó vós, que não rasgaes os horisontes novos
Da nova crença e fé — d'esse caudal Progresso,
D'esse astro flammejante, em perpetuo ecclipse
Só para vós que amaes o negro retrocesso !
Tremei, velhas nações, do novo Apocalypse.

Tremei, flôres do Mal ; tremci, filhos da crença,
Todos vós que passaes a vida em noute densa
Sepultos sem jámais fitar a luz do dia,

A luz que nos deslumbra ao vél-a face a face
Da manhã do Oriente erguer-se á grande via,
— Do passado ao porvir o gigantesco enlace! —

Tremei, grandes da terra, hypocritas, tyrannos,
Tremei, ó todos vós, que o vórtice dos annos
No turbilhão do crime apanha descuidosos !
Tremei quando soar a hora dos mysterios
Além da campa fria, os sons meticulosos
Do Juiso final por sobre os hemisferios !

Tremei, porque n'essa hora ha de o juiz eterno
As acções sopesar no tribunal superno
Á resplendente luz dos immortaes *direitos*!
Ahi ha de julgar com a razão serena
E a consciencia pura os vossos largos feitos,
Imperador e papa! — o tigre e a hyena !

O dia chegará, ó viboras do goso,
Ó pallidos truões, o dia magestoso
Da revisão estranha, a revisão dos factos;

Sobre os degráos do altar da nova e eterna missa
Então vereis pesar da Humanidade os actos,
Na balança immortal da fulgida Justiça.

Tremei, pois, n'este dia, ó lubricos sicarios,
Ó Cesares, ó reis, ó genios predularios !
Todos, todos vireis os mantos arrastando,
Mantos de lama e lodo, — os ouropeis da gloria !
Espera-vos além o dia venerando !
Juiz é — o Futuro, e tribunal — a Historia !

V

A UMA CAVEIRA

Quid tu hominis ?

TERENCIО.

Coitada ! ahi estás !... A quem pertencerias
Acaso, ó carcomida e pallida caveira,
Ó symbolo fatal da Humanidade inteira,
E descuidoso fim de dôres e harmonias ?

Que idéas immortaes, que loucos pensamentos
Nos lobulos geraste, e lubricos desejos ?
Que palavras de amor e fervorosos beijos
Por teus labios febris passaram vinolentos ?

Quem sabe se tu foste um aspero guerreiro,
Um rei conquistador, — heroe de mil batalhas ;
Ou se os dias passaste envolto nas mortalhas
Da crua expiação na cella do mosteiro ?

Quem sabe se tu foste um lyrico brilhante,
Um Dom João de esquina ou tétrico Romeu,
Um furioso Othello, um novo Prometheu,
Um deus do pensamento ou pallido farçante ?

Quem sabe se tu foste a luz de grande dia ?...
Mas hoje — oh ! irrigão — és a triste caveira
Que estás abandonada ao canto de uma esteira
No quarto de um rapaz que estuda anatomia !

VI

O DESFAZER DOS SONHOS

Como do outono as virações damninhos
Em seu regaço levam adejando
Através da campina em largo bando
As leves e saudosas andorinhas ;

Assim, eis, com as auras da Verdade
Vão os sonhos desfeitos já em fumo,
Vão as gratas visões da mocidade
Correndo pelo espaço sem ter rumo.

E como vão buscando os passarinhos
Novas plagas ridentes onde pousem,
Novas mansões onde contentes ousem
Formar de novas palhas brandos ninhos ;

Tambem vós, tambem vós, loucas miragens,
Ó filhas predilectas de nossa alma,
Novos seios buscae, verdes folhagens,
Onde achareis talvez frondente calma.

IDE, parti ! o mundo é grande e lato !...
As auras do real os craneos trilhem !
Outros vates nas cytharas dedilhem
De vossos ais o tom mimoso e grato.

IDE, illusões passadas e chimeras
Do tempo, que não volta, ameno e puro ;
IDE, sonhos fagueiros, folhas de heras,
Entrançar-vos nos cedros do futuro.

VII

NA PENITENCIARIA

Eu fui um dia alli ! era ao sol posto ;
Os raios purpurinos n'ella entrando
Tinham a côr de sangue ; ao mal nefando
Um mal 'inda peor via-se opposto.

Amarga pallidez cobriu-me o rosto,
Esse novo edificio visitando ;
Quando em volta contentes saltitando
Dois meigos rouxinoes vi com desgosto ;

E disse-lhes : — «Fugi ! vossos gorgeios
Levae a sitios bellos e ridentes ;
D'esta mansão deixae os tristes seios !

Parti, aves fagueiras e innocentes !...
Quando forem os carceres já cheios
Vinde então consolar os padecentes !»

VIII

ROMANTISMO E REALIDADE

Como a virgem, — rival das açucenas, —
Gosto de contemplar o firmamento
Em noutes sem luar, meigas, serenas,
Mil lumes vêr, brilhar cada momento !

Ella, a deidade, amiga das Camenas,
Ao céo se eleva em doce arroubamento,
Ao passo que eu, estranho a magas scenas,
Busco no céo as leis do movimento !

Ella, envolta no véo dos brandos sonhos,
Nas estrellas só vê gosos risonhos,
Vê idylios de amor, sceptros de reis !

Eu n'outra cousa penso quando miro
Os resplendentes lumes ; só admiro
Dos astros as geraes e eternas leis.

IX

VICTOR HUGO

Saudemos Victor Hugo ! o heroe do pensamento,
Um astro que reluz no vasto firmamento
Do seculo que passa, o seculo de heroes
E idéas geniaes, que brilham como sóes !

Ante elle respeitoso eu curvo minha fronte
E julgo vêr seu nome escripto no horisonte
Dos candidos annaes da gente do porvir
Em letras de ouro puro ! e vêl-o reluzir
Entre Milton, Camões, Virgilio, Tasso e Dante !

E com elles tambem no carro triumphante
 Dos vultos immortaes da humana geraçao
 Elevado ao Pantheon dos deuses da naçao
 Mais bella do porvir — o Mundo, a Humanidade !

Saudemos Victor Hugo ! o vate da Verdade,
 O cantor da mulher, do bem, do amor, do lar,
 E que tangendo a lyra imita o grande mar,
 Ora revolto, irado, escancarando abyssmos,
 E ameaçando os céos em negros paroxismos ;
 Ora amoroso e brando e cheio de prazer
 Em extasis de amor á praia indo morrer !

Em rumorosos sons aérios e divinos
 Exalta as doces mães e beija os pequeninos,
 Affaga a juventude, e lança ás niveas cãs
 O rócio divinal das rubidas manhãs.

Lembra seu mago canto os gritos da hyena,
 O inebriante olôr da flaccida açucena,
 Os dias de París, as noutes orientaes,
 As ogivas gentis das velhas cathedraes,
 A melopêa, o côro, as estrondosas festas,

O orgão harmonioso, os eccos das florestas,
O sibilar do vento, a furia dos leões,
Das selvas o gemer, e das Revoluções
O brado horripilante e cheio de grandeza,
— A voz da Multidão e a voz da Natureza !

Saudemos, pois, o vate, o vate do porvir,
Que faz a alma vibrar e o coração sentir !
Saudemos, pois, o heroe gigante da palavra,
O Apostolo do Bem, que a multidão deslavra
Com o arado immortal de pura e santa luz !
Saudemos, sim, o irmão de Dante e de Jesus !

X

OS NOVOS TITANS

Eis-os! os filhos colossais do seculo,
Os pallidos heroes das novas éras,
Grandes como o Sol, fortes como feras,
Soberbos como o mar!
Eis-os! robustos cedros d'este Lybano,
Altivos quaes montanhas de granito,
Sagrados como o Deus hoje proscripto,
Austeros como o lar!

Eil-os ! approximando as ribas áridas
 Das vírides florestas seculares,
 E atravessando os montes e os algares
 Com louca rapidez !

Eil-os ! a perfurar os negros ámagos,
 Das altas cordilheiras as entranhas ;
 E audaciosos lançando entre montanhas
 O aquático Suez !

Eil-os ! além extraem do escuro íntimo,
 Dos seios da vetusta e dura terra,
 O verdadeiro auctor de toda a guerra,
 O lucido metal !

E através dos espaços mandam rápido
 O turbilhão immenso das Idéas,
 Ainda mais veloz que nas areias
 Perpassa o vendaval !

Eil-os ! traçam esboços cabalísticos
 Nos cerebros febris, novos inventos,
 E traduzem no ferro os pensamentos,
 Constroem leviathans,

Que libertam os corpos sãos e esqualidos
Dos rudes párias, e vomitam fortes
Prodigios do Trabalho, almas cohortes
De producções louçãs !

Ei-los ! que intentam escalar os páramos
Dos fantasmas occultos do Infinito,
E vão sempre a subir tendo por fito
 Um intangivel fim,
Que do tempo 'inda jáz nos longos bárathros,
— A sublime Verdade das verdades ;
E tentam arrancar as Entidades
 Dos thronos de marfim !

XI

A JUSTIÇA

A Justiça suprema é amor.

ARISTOTELES.

Laudet ille salubre in justitiam

HORACIO.

Bem a vi ! era branca e pura como um sonho
Em noute vaporosa ;
Era como depois de um temporal medonho
A manhã côr de rosa.

Vestia de azul claro, — a côr do firmamento, —
Coberto de granates ;
Em nuvens de frouxeis trazidas pelo vento
Buscou nossos penates.

Era singela, meiga e bella e deslumbrante
 Como as virgens de Vinci ;
E calmo o seu olhar, porém mais penetrante
 Do que a vista do lynce.

Era formosa, como a flôr de ameno prado
 Ao despontar do dia ;
Era doce e fagueira a voz, como o trinado
 Canto da cotovia.

Mimosos como o lirio eram os niveos seios,
 Macios como o arminho,
Onde almos rouxinoes soltariam gorgeios,
 De amor eburneo ninho !

Seu braço torneado e fino de alabastro
 Não sustentava o gladio ;
Mas era a protecção, radiante como um astro,
 Forte como o Palladio !

Com a trança dourada e espessa, como as cearas
 Ao principiar o estio,
O zephyro brincava e nas humereas aras
 Caia o aureo lio.

Não era a virgem fera, a virgem sanguinaria
 D'aquelle mundo antigo;
 Não era a virgem cega, esqualida, mortuaria,
 Triste como um jazigo.

Era a filha louçã do humano pensamento
 A visão amoravel,
 Que rutilante esplende, e surge a passo lento
 Do porvir immutavel.

A Humanidade, o povo, os bons, os máos e os santos
 Aos seios apertava,
 — Niveos seios de jaspe e ninhos de amaranthos ; —
 E a todos affagava.

Ella a todos sorria enchendo-os de caricias,
 De meligenos beijos,
 Mais olorosos, mais, do que immensas divicias.
 Do que loucos desejos.

E fugiam alguns de seu olhar divino,
 Iam buscar a tréva ;
 Ahi mesmo os seguia a luz do cristallino
 Rosto, que nos eleva,

E se fugiam mais, ella mais os seguia!
Era perpetua a liça!...
E quem assim a mão a todos estendia
Chamava-se — JUSTIÇA!

XII

A REPUBLICA

O tempo já chegou, em que o Messias
Do seculo brilhante, que passamos,
Deve à terra descer, em que habitamos,
E n'ella inaugurar os novos dias !

O tempo já chegou ! e as harmonias
Dos córos divinaes, que tanto amamos,
— Esses córos de leis, que nós buscamos
No céo, na terra e mar, nas penedias, —

Os corações nos enchem de ventura,
Annunciando o Messias, — a luz pura
Da Sciencia immortal, Bem e Verdade !

É esse um novo Deus, que a praça publica
Um dia elevava, — é a Republica,
— A serena visão da Humanidade !

XIII

O TRABALHO

Le travail est mon Dieu, lui seul régit le monde;
Il est l'âme de tout.

VOLTAIRE.

Na alcantilada rocha erguia-se a officina,
O templo gigantesco onde Labor domina,
Labor, o proletario, o velho rijo e duro
Que trabalha na forja as *cousas* do futuro;
Corôam-lhe a cabeça as cãs alvas de linho ,
Brilhantes como a prata, e brandas como o arminho ;
Em volta de si tem os filhos bons e fortes,
Da lida austera e santa indomitas cohortes.
Trabalham noute e dia ! e ouve-se do martello
O som grave e pesado — um hymno grandee bello !

Certa manhã formou-se um temporal no espaço !
A chuva sem cessar como o ranger do aço
Sentia-se bater na grimpa dos rochedos,
E em baixo vinha o mar nos concavos fraguedos,
Alto como um gigante, atroz como bandidos,
Soltar um grito insano, um côro de rugidos
E lamentosos ais, como bramir de fera.
De minuto a minuto a funebre atmosphera
Rasgava-se mostrando uma azulada chamma
Que na vaga e no céo fulminea luz derrama ;
E logo após rebôa a voz rouca e tremenda
Do horrisono trovão, a do Jehovah da lenda,
Que os ares açoutando as terras estremece ;
Ouvindo o ingente som, que arrastam, lhes parece,
Na abobada celeste um parque de canhões.

É grande o temporal ! grandes as convulsões !

Ribombava o trovão, caia a chuva densa,
O mar era feroz, e da officina immensa
Saía do trabalho o magico rumor,
E soava mais alto o ésto de Labor :

«Ó filhos de minha alma ! irmãos pelo trabalho,
Em quanto na bigorna entoâa o forte malho
Um hymno de esperança, e amor pelo porvir ;
Em quanto o céo troar, e o pélago rugir ;
Em quanto o negro manto occulta o astro do dia
E a chuva intensa cae na rude penedia ;
Ouvi o que vos diz a voz de um ancião,
Que no pulso 'inda tem os vincos do grilhão !

Trabalhae ! trabalhae ! ó povos vigilantes,
Não repouseis jámais sequer por uns instantes !
Repouso é reacção ! sempre, sempre, avançar,
Altivos como um deus, terriveis como o mar !
Sômos a multidão sem nome, patria ou berço,
Sômos o pária, o servo em densa tréva immerso,
Sômos o *sans-culotte*, os máos, os vis, os nús,
Os pallidos irmãos de Esopo e de Jesus !...
D'onde viemos nós ?... talvez da grossa vaga,
Da escuma do oceano envolto em furia aziaga !...
Que nos importa o berço, as faixas primordiaes,
Se transposemos cedo os lucidos umbraes,
Que deitam para o trilho eterno do Progresso ?
Em frente, em frente, pois, não haja retrocesso !

Vivemos n'um abysmo escuro — a escravidão ;
Tirou-nos o trabalho e a lei da evolução
D'esse covil profundo, onde reinava o vicio,
E lançou-nos após ás portas de um hospicio
Melhor do que a caverna extranha a toda a luz !
Amarrou-nos á gleba, á dolorosa cruz,
Á sombra do sepulchro, á vida do mosteiro ;
Fez-nos servo da Egreja, e servo do guerreiro.
Mais tarde o tempo ahi de novo nos buscou
Para nos levantar ! um gráo nos elevou,
Chamou-nos proletario e deu-nos a officina,
O livro, a crença, a fé, que o futuro illumina,
— A crença no Progresso, a fé no que ha de vir
Dos páramos de luz — o encantador porvir,
Visão que nos sorri no peregrino atalho !

·

Ávante, ávante, pois, ó filhos, ao trabalho !
Só d'este luminoso e candido fanal
Podemos esperar a redempção final !...
O trabalho ! o trabalho ! a força do universo,
Que arrebata o planeta em ether puro immerso ;
Que junta a lua á terra, e a terra ao grande sol ;
Que prepara a Materia em fecundo crisol ;
Que gera a planta e a flôr, e muda a flôr em fructo ;

Que transforma os cristaes, o insecto, a fera, o bruto;
Que o homem levantou pelas evoluções ;
A força inconsciente, a força das nações,
Que para o grande e bello arrasta a Humanidade ;
Que fundou a familia, as tribus e a cidade ;
Que profundando o sólo o mineral fundiu,
Da encosta da montanha as rochas extraiu ,
Ergueu as colossaes pyramides do Egypto,
O templo consagrado ao indiano mytho,
Os membros cinzelou das Venus immortaes,
E as rendilhagens deu ás rudes cathedraes ;
O trabalho ! o trabalho ! incita-nos á vida,
Dá-nos a robustez herculea e destemida
Dos inclytos heroes da antiga tradição,
Dá-nos a formosura e a força do leão,
Desvenda-nos a gloria, antes da fria lousa
Mostra-nos o prazer, o bem, a grande *cousa*
Das plagas do futuro, ao longe no apogeu,
E faz de todos nós o eterno Briareu !
Ao trabalho ! ao trabalho ! ó filhos de agros limos,
Ao trabalho sem fim ! por elle conseguimos
O impossivel de ha pouco, o real de amanhã !...
Não ouvis essa voz enorme, rouca, e vã,
Que nos espaços sôa ameaçando a terra,

E aquella outra tambem a proclamar a guerra
Nos bárathros senis aos pallidos heroes,
Aos rigidos mortaes, brilhantes como sóes ?
A voz da tempestade e a voz do mar revoltos ?...
Pois o gigante audaz nos horisontes solto,
Que do céo nos fulmina, e o athletico traidor,
Que se estorce convulso e nos inspira horror,
Ambos vencemos nós pelo trabalho ardente,
Ambos se curvam hoje ante o ferro que sente
O pulso de Colombo, o genio de Franklin !
O trabalho os venceu n'um labutar sem fim.
Trabalhemos, irmãos, irmãos na grande lida,
Trabalhemos, heroes ! o trabalho é a vida,
O prazer, a consciencia, o bem e a inspiração !
Por elle ha de chegar a nossa redempção !...»

QUO RUIMUS?

Toute la suite des hommes, pendant le cours de tant de siècles, peut être considérée comme un même homme qui subsiste toujours et qui apprend continuellement.

PASCAL.

Ha muito que partimos não sei d'onde,
Ao frio, à chuva, nus, de um berço escuro,
Em busca de um solar que além se esconde
Nos términos remotos do futuro.

Partimos não sei d'onde, e sem repouso,
Sem guia e sem sabermos o caminho,
Por este, temos vindo, tortuoso,
Esperando encontrar um brando ninho.

E partimos de noute, pela tréva
Viemos tenteando a rude estrada,
Que á luz do grande sol de certo leva,
Pois que já hoje vemos a alvorada.

Passámos pelo Nilo, onde a formosa
Isis já procurou banhada em pranto
Através da corrente caudalosa
De Osiris o cadaver sacrosanto.

•

Passámos pelo Ganges, pelo Euphrates,
Pelas plagas divinas do Hindostão ;
Ouvimos prepassar na voz dos vates
Dos Vedas immortaes a vibração ;

Ouvimos suspirar pelas florestas
O venturoso Pan nos velhos dias ;
De Ceres e Saturno ás loucas festas
Concorremos e ás báccicas orgias.

Vimos tambem nascer a augusta lenda
Do filho de Maria no Oriente,
E de Roma tomando a larga senda
Espalhar-se nas veias do Occidente.

Vimos cair do throno os deuses fortes,
Desfazerem-se em fumo as leis e crenças,
E dos heroes celestes as cohortes
Em turbilhões de cinzas negras, densas!...

Olhemos para traz!... tudo ruinas!
Cidades, templos, paços, tudo é pó!
De Ninive e Palmyra nas campinas,
De Tyro e de Carthago, ha pedras só;

Os idolos ha muito soterrados
Jazem pelas encostas das montanhas;
Dos Pharaós os sceptros já quebrados
Esqueceram-se e os nomes das campanhas.

Ruinas, só ruinas pela estrada
Que percorrido temos desde o Egypto;
A Grecia onde brilhámos jaz prostrada
E a Roma imperial de Nero e Tito.

E tudo ha muito jzz!... Da meia-edade
Costumes, deuses, crenças, usos, leis
Se desfizeram já ante a Verdade,
Rolaram pelo chão frontes de reis!...

E nós vamos alcín, vamos em frente
 Em busca do solar ou brando ninho
 Vamos como viemos ao presente,
 Do porvir procuramos o caminho.

Porém... para onde vamos ?... do futuro
 Que temos a esperar de bom e grande ?
 Algum novo Messias forte e puro
 Que a instruir-nos *alguem* acaso o mande ?...

Ha muito que partimos e 'inda agora
 Nossos avós e paes interrogamos :
 D'onde vem esta luz de branca aurora ?
 Que sol virá ? e nós para onde vamos ?

Para onde vamos ? sim ! sabeis dizer-nos ?
 Onde vão nossos passos vacilantes,
 Guiados só pelos heroes modernos,
 Sem já temermos deuses coruscantes ?

.....

Vamos ao templo immenso da Verdade,
 Ao gigantesco altar da Scienzia eterna ;
 Vamos fundar a communhão fraterna
 No dogma da immortal Humanidade.

XV

DEUS

L'idée que nos ancêtres [se] sont formée sur Dieu fut, à toutes les époques, en harmonie avec le degré de science successivement acquis par l'humanité.

C. FLAMMARION.

Diz um velho missal de theologia,
Que é Deus um Sêr eterno e indefinivel,
Ora propicio e bom, ora terrivel,
Ora no céo sepulto em larga orgia ;

Uns chamaram-lhe o Sol — o rei do dia,
Outros o Bem, o Mal, o Inacessivel,
O Fogo, a Terra, os Mares, o Invisivel,
O Ar, a Luz, o Vacuo, a Penedia !

Aqui foi Jehovah, Ilu, ou Jove,
Além é Dêva, Zeus, Ormuzd ou Brahma,
Osíris ou Vichnu, de amor a essencia,

O que o universo fez e rege, ou move ;
Agora, eis que a Razão humana clama :
— Se existisse algum Deus era a SCIENCIA !

INDICE

Estes versos.....	9
-------------------	---

LIVRO PRIMEIRO

ECCOS PHILOSOPHICOS

I. Hymno ao Sol	13
II. Materia e força viva.....	23
III. Creação do mundo.....	31
IV. A Terra.....	39
V. O Mar.....	43
VI. A montanha.....	47
VII. Prometheu no Caucaso.....	51
VIII. O homem.....	57
IX. Os heroes.....	83
X. Mohammed no deserto.....	89
XI. À mulher.....	91

LIVRO SEGUNDO**LAVAS DA REVOLUÇÃO**

I. À Musa.....	101
II. O proletario.....	105
III. A idolatria moderna.....	111
IV. Scena nocturna.....	113
V. Hic Deorum sedes.....	115
VI. O peccado de Eva.....	117
VII. Mane Thecel Phares.....	119
VIII. O pesadelo dos reis.....	121
IX. Aos reis.....	123
X. A engeitada.....	125
XI. Realidade.....	131
XII. Outro Judas.....	133
XIII. O fim do Romantismo.....	137
XIV. Dies iræ.....	143

LIVRO TERCEIRO**AURAS DO PORVIR**

I. Aos mineiros do Progresso.....	147
II. Tenebræ et lux.....	151
III. Visão estranha.....	153
IV. O Juizo final.....	157
V. A <u>uma</u> caveira.....	161

VI. O desfazer dos sonhos.....	163
VII. Na penitenciaria.....	165
VIII. Romantismo e realidade.....	167
IX. Victor Hugo.....	169
X. Os novos Titãs.....	173
XI. A Justiça.....	177
XII. A Republica.....	181
XIII. O trabalho.....	183
XIV. Quo ruímus ?.....	189
XV. Deus.....	193

*A propriedade d'esta obra pertence ao pae do
auctor, o sr. Francisco José Teixeira Bastos, sub-
dito brasileiro.*

This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

